

Provided for non-commercial research and education use.

Not for reproduction, distribution or commercial use.

A Pedagogia Inaciana: de Pedro Arrupe a Arturo Sosa

Klein, Luiz Fernando

Pages 3-62

CHAPTER DOI https://doi.org/10.17990/Axi/2020_9789726973300_003

Pedagogia em Tempos Incertos

Pedagogia 3

ISBN 978-972-697-329-4, 2020

BOOK DOI https://doi.org/10.17990/Axi/2020_9789726973300

Your article is protected by copyright © and all rights are held exclusively by *Aletheia – Associação Científica e Cultural*. This e-offprint is furnished for personal use only (for non-commercial research and education use) and shall not be self-archived in electronic repositories. Other uses, including reproduction and distribution, or selling or licensing copies, or posting to personal, institutional or third party websites are prohibited.

If you wish to self-archive your article, contact us to require the written permission of the *Aletheia Association*. For the use of any article or a part of it, the norms stipulated by the copyright law in vigour are applicable.

Authors requiring further information regarding *Aletheia – Associação Científica e Cultural* archiving and manuscript policies are encouraged to contact us.



1

A Pedagogia Inaciana: de Pedro Arrupe a Arturo Sosa

LUIZ FERNANDO KLEIN, SJ

Introdução

O objetivo desta contribuição é apresentar os principais temas da pedagogia inspirada em Santo Inácio de Loyola, e em aplicação nos colégios de educação primária e secundária; em centros de educação popular, formal e informal; e em instituições de ensino superior confiados à Companhia de Jesus.

O material consultado são as orientações dos quatro últimos Superiores Gerais da Ordem dos Jesuítas quanto ao apostolado educativo. Trata-se de cartas, discursos, alocações e conferências aos jesuítas e colaboradores das obras apostólicas, e de homilias em celebrações litúrgicas¹.

A pesquisa realizada abrange um período de 54 anos, que começa com o generalato do P. Pedro Arrupe, eleito 28º sucessor de Santo Inácio de Loyola pela 31ª Congregação Geral, no dia 22 de maio de 1965, e tendo governado a Companhia de Jesus durante 18 anos. Sucedeu-lhe o P. Peter-Hans Kolvenbach, eleito pela 33ª Congregação Geral no dia 13 de setembro de 1983 que por razão de idade, renunciou em

-
1. O *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana-CVPI* (www.pedagogiaignaciana.com) contém um extenso acervo dos pronunciamentos educativos dos recentes Superiores Gerais. Os documentos *Características da Educação da Companhia de Jesus* e *Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática* não foram objeto da pesquisa realizada pois foram elaborados por comissões 'ad hoc' e aprovados pelo P. Peter-Hans Kolvenbach.

2008, depois de 25 anos de governo. Foi eleito, em seguida, o P. Adolfo Nicolás, pela 35ª Congregação Geral, dia 19 de janeiro de 2008, que também renunciou, por motivos de saúde e idade, em 2016. Nesse ano, dia 14 de outubro, a 36ª Congregação elegeu o P. Arturo Sosa, como Superior Geral.

Foram selecionados doze temas mais recorrentes, abordados pelos Superiores Gerais, que fornecem uma compreensão atualizada sobre a Pedagogia Inaciana: 1) Importância e finalidade do apostolado educativo jesuíta; 2) Perfil do aluno a educar; 3) O Projeto Educativo; 4) Educar para a transcendência; 5) Primazia da justiça e da reconciliação; 6) Empenho pela inclusão dos pobres; 7) Modo de proceder pedagógico jesuítico; 8) Reconfiguração do centro educativo; 9) Gestão participativa e discernida; 10) Irradiação apostólica; 11) Urgência da renovação pedagógica; 12) Trabalho colaborativo e em redes.

A documentação levantada nesta pesquisa mostra que o magistério de cada Padre Geral se baseia, principalmente, na Congregação Geral, órgão máximo de governo da Companhia de Jesus, da qual emanam as orientações e diretrizes para a vida e a missão dos jesuítas, de suas comunidades e atividades apostólicas. Balizam, também, os ensinamentos dos Superiores Gerais, os eventos e documentos da Igreja, e a conjuntura social, econômica e cultural da humanidade.

Nos temas e ênfases dos pronunciamentos que o P. Arrupe nos legou são claras as influências do Concílio Vaticano II, cuja última sessão se realizava no ano de 1965, quando foi eleito, em especial o documento *Gravissimum Educationis* (1965); das orientações das Congregações Gerais 31ª (duas sessões: 1965 e 1966) e 32ª (1974-75) da Companhia de Jesus e de outros eventos eclesiais.

Nos cinco lustros do generalato do P. Peter-Hans Kolvenbach aconteceu a 34ª Congregação Geral com três documentos referentes à educação: Decreto n.16 – *Dimensão Intelectual do Apostolado Jesuíta*; Decreto n.17 – *Os jesuítas e a vida universitária*; e Decreto n.18 – *Educação secundária, primária e popular*. Coube ao P. Kolvenbach promulgar dois documentos que passaram a ser a referência atualizada da pedagogia e da didática inspirados em Santo Inácio de Loyola: *Características da Educação da Companhia de Jesus*, em 08/12/1986², e *Pedagogia Inaciana* –

2. Ibid., <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=2932>

Uma proposta prática, em 31/07/1993³. Referente ao Ensino Superior, durante este mandato, o Papa João Paulo II promulgou, em 15/08/1990, a *Constituição Apostólica Ex Corde Ecclesiae* com o objetivo de reafirmar a dimensão católica das universidades.

O P. Adolfo Nicolás, nos oito anos do seu mandato, tratou de aplicar as orientações da 35ª Congregação Geral que o elegeu. Esta havia promulgado o Decreto n.3, com implicações para o apostolado educativo: *Desafios para a nossa missão hoje. Enviados às fronteiras*.

Em três anos como Superior Geral, o P. Arturo Sosa tem abordado o tema da reconciliação, de acordo com a 36ª Congregação Geral e as três perspectivas para qualquer apostolado: discernimento, colaboração e trabalho em rede. Coube-lhe participar do 1º Encontro de Delegados de Educação Jesuíta, realizado no Rio de Janeiro, em outubro de 2017, e da criação da Associação Mundial de Universidades Jesuítas, em julho de 2018, em Bilbao.

1. Importância e finalidade do apostolado educativo jesuíta

1.1 *Objecções e questionamentos*

Em diversos lugares os PP. Arrupe e Kolvenbach se referiram a objeções e questionamentos sofridos pelos colégios jesuítas, até mesmo por membros da Companhia de Jesus. Alegavam que essas instituições atendiam predominantemente alunos das classes média e alta, as quais era impossível educar para a justiça em vista de mudanças sociais; o ensino restringia-se à formação intelectual; e reduzia-se o efetivo de jesuítas dispostos a trabalhar nesse tipo de obra. Argumentavam que os colégios já haviam cumprido a sua missão histórica e, por isso os jesuítas pregavam que fossem liberados para poder assumir trabalhos mais diretamente sacerdotais e com as classes populares⁴.

P. Arrupe sempre foi veemente na salvaguarda dos colégios jesuítas como um insubstituível campo de apostolado, sobretudo nos tempos que se viviam. Recordava que a proibição de educar era a primeira

3. Ibid., <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.aspx?IdDocumento=2933>.

4. Peter-Hans Kolvenbach, *Os desafios da educação cristã às portas do 3º Milênio*. Colegio San José, Arequipa (Perú), 09/07/1998.

medida que certos regimes políticos tomavam contra a Igreja para assegurar a descristianização de um país sem derramamento de sangue⁵. *Não posso admiti-lo* [o abandono dos colégios], dizia aos jesuítas franceses, *pois nada é mais útil e necessário à sociedade contemporânea que a formação de homens de caráter e de personalidade forte, de que tanto precisamos*⁶. Aos jesuítas norte-americanos acrescentava: *Não vacileis em relação àqueles que dão indícios de fraqueza nas vossas próprias escolas. Juntai, no entanto, os vossos esforços para partilhar o melhor de cada uma das escolas com os vossos irmãos de outras cidades...*⁷.

Em 1998 Kolvenbach podia confessar que a situação de resistência aos colégios havia revertido, a crise estava debelada e as instituições educativas haviam recuperado nova compreensão e novo alento para aí continuar trabalhando. Os colégios se revelavam um campo apostólico insubstituível, de modo que seria uma temeridade abandoná-lo. Com realismo, Kolvenbach reconhecia que os questionamentos institucionais, embora pudessem reaparecer de modo pontual, permitiram a autocrítica, a reflexão, a abertura à mudança e, sobretudo, a *não cair na armadilha de dilemas excludentes: o social ou o educativo, ou o pastoral. Porque a solução não está na disjuntiva, mas numa concepção integral da evangelização. Todo apostolado na Companhia tem, de alguma maneira, esta tríplice dimensão: a pastoral, a educativa e a social*⁸.

1.2 Educação, missão apostólica

Os Padres Gerais recordavam, a partir da história da Companhia, que o apostolado educativo institucional, embora não cogitado nos inícios da Ordem, sempre constituiu um terreno privilegiado para a missão apostólica, *um dos meios poderosos para o desenvolvimento integral da pessoa, a transformação da sociedade e o anúncio do Reino*⁹.

-
5. Pedro Arrupe, *Nossos colégios Hoje e Amanhã* (Roma, 13/09/1980), n.29.
 6. Ibid., *Carta aos Padres dos colégios de França reunidos em Amiens* (25/08/1965). In: Pedro Arrupe, *Um Projecto de Educação*, Porto, Livraria A.I e Braga, Editorial A.O., 1981, 12.
 7. Ibid., *Palestra ao grupo directivo da Associação de Educação Secundária dos Jesuítas dos Estados Unidos*. New York (10/11/1972). In: *Um Projecto de Educação*. Op. Cit., 86.
 8. Peter-Hans Kolvenbach, *Características actuais de la Educación de la Compañía de Jesús* (Colegio San Ignacio, Caracas: 01/02/1998).
 9. Ibid., *Os desafios da educação cristã às portas do 3º Milênio*. Op. Cit.

Renovação dos colégios, adaptada ao mundo contemporâneo; entrosamento com outras obras educativas; fortalecimento da identidade religiosa; ampla irradiação apostólica e cultural; luta pelo financiamento das escolas eram as propostas de encorajamento que Arrupe fazia aos jesuítas¹⁰.

Arrupe não só havia rechaçado a desistência do trabalho em colégios, como aproveitava para enfatizar a urgência de clareza da sua identidade. Por isso, mais de uma vez referiu-se elogiosamente ao documento *The Preamble*, parte introdutória do texto constituinte da *Associação de Educação Jesuíta dos Estados Unidos* (1970), porque explicitava os conceitos inacianos que se deveriam ter em conta no apostolado educativo¹¹.

A consideração fundamental de Arrupe sobre os colégios é que estes constituem um privilegiado campo de apostolado que a Igreja confia aos jesuítas para o assumirem como missão. Missão que é de Deus, não dos jesuítas ou de qualquer grupo em particular, como recordaria o P. Nicolás, citando o Papa Bento XVI¹².

Aos que se mostravam céticos quanto à eficácia apostólica do trabalho com os alunos da classe alta, Arrupe declarava: *se entre as classes acomodadas não há problema de escolarização, há o de evangelização. E como o ensino e a educação são um meio efficacíssimo de evangelização, a Companhia não pode reservar exclusivamente para os pobres o seu apostolado da educação*¹³.

Deve-se ao P. Arrupe o ter cunhado o termo ‘inacianidade’ para tornar inequívoca a identidade dos centros educativos da Companhia de Jesus. Dizia: *Se são verdadeiramente da Companhia, isto é, se neles atuamos movidos pelas linhas de força próprias de nosso carisma, com o acento próprio de nossas características essenciais, com nossas opções, a educação que recebem os nossos alunos os dotará de certa*

-
10. Pedro Arrupe, *Palestra ao grupo directivo da Associação de Educação Secundária dos Jesuítas dos Estados Unidos*. Op. Cit.
 11. *Ibid.*, *Carta aos Padres e Irmãos da Assistência da América (07/03/1972)*. In: *Um Projecto de Educação*, Op. Cit., 62 e *Palestra ao grupo directivo da Associação de Educação Secundária dos jesuítas dos Estados Unidos*, New York, 10/11/1972. In: *Um Projecto de Educação*, Op. Cit., p. 84. Trato mais amplamente do *The Preamble* em *Atualidade da Pedagogia Jesuítica*. São Paulo, Ed. Loyola, 1997, 49-51. O original do *The Preamble* encontra-se em CVPI: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=3610>.
 12. Adolfo Nicolás, *Notas de la conferencia en el encuentro con los Directivos de los colegios ACSJ, OSCASJ, AUSJAL, CEP y CERPE (Caracas: 01/05/2014)*.
 13. Pedro Arrupe, *Nossos Colégios Hoje e Amanhã*. Op. Cit., n.7.

«inacianidade», se me permitem o termo. E justificava: *Não se trata de atitudes esnobes ou arrogantes, nem mesmo de complexo de superioridade. É lógica consequência do fato de que vivemos e atuamos em virtude deste carisma e de que em nossos centros devemos prestar aquele serviço que Deus e a Igreja requerem de nós jesuítas como tais*¹⁴.

2. Perfil do aluno a educar

2.1 O ideal de ser humano

Uma vez ressaltado o papel insubstituível dos centros educativos, Arrupe descreveu, com diversos traços, o perfil do aluno para cuja formação a Companhia de Jesus se propõe a contribuir.

Considerando que o ser humano é a obra prima de Deus, criado por amor e para o amor, sendo *o amor o seu sentido e o amor a sua medida*, a Companhia tem em vista formar o homem espiritual, o homem evangélico. Homens e mulheres que não estão na escola para um enriquecimento intelectual narcisista, mas para capacitar-se ao máximo para servir melhor. Estão aí, como declarava Arrupe, para aprender a não tomar na vida nenhuma decisão que não considere o bem do outro, especialmente do empobrecido e do marginalizado. *Homens que vivam um amor eficaz que tem como primeiro postulado a justiça e que é a única garantia de que o nosso amor a Deus não é uma farsa*¹⁵, pois só promovendo esta visão de amor é que poderemos justificar o nosso trabalho no colégio ou na universidade¹⁶.

Em setembro de 1980, em Roma, reuniu-se com um pequeno grupo de educadores – jesuítas e um leigo –, representativos de todos os continentes. Na ocasião afirmou, vigorosamente, que não é pretensão da Companhia de Jesus *produzir estes pequenos monstros acadêmicos, desumanizados e introvertidos; nem mesmo o devoto crente alérgico ao mundo em que vive e incapaz de vibração*¹⁷. O nosso ideal, descrevia Arrupe,

14. Ibid., n.10.

15. Pedro Arrupe, *Hombres y mujeres para los demás (La promoción de la justicia y la formación en las asociaciones. Valencia, 1973)*. In: CVPI.

16. Ibid., *Discurso à Federação dos Colégios e Universidades da Companhia...* In: *Um Projecto de Educação*. Op. Cit., n.98.

17. Ibid., *Nossos Colégios Hoje e Amanhã*. Op. Cit., n.14.

*aproxima-se mais do insuperado homem grego, na sua versão cristã, sereno e constante, sensível a tudo aquilo que é humano. São homens de serviço, segundo o Evangelho, movidos pela autêntica caridade evangélica; homens novos, transformados pela mensagem de Cristo; homens abertos ao seu tempo e ao futuro; homens equilibrados*¹⁸. Este homem, por princípio, deve ser livre, senhor de si mesmo, de todos os seus recursos e potencial, porque *sem esta liberdade, sem este senhorio, não se pode ser para os outros*¹⁹.

2.2 Líder serviçal

Kolvenbach destacava a liderança como traço marcante no perfil dos alunos inacianos, e insistia com os educadores para confiarem que eles são chamados a serem líderes no seu mundo, resolvidos a valer-se da própria influência para corrigir injustiças sociais²⁰. *Queremos graduados, continuava, que estejam dispostos a ser líderes preocupados com a sociedade e com o mundo, desejosos de acabar com as suas mazelas; queremos que nossos graduados sejam líderes para servir*²¹.

Popularizou-se no mundo educativo inaciano o perfil que Arrupe acalentava para os alunos dos jesuítas: *homens e mulheres para os demais*. Kolvenbach o especificaria, declarando que se trata de formar a pessoa *consciente, competente, compassiva e comprometida*. A declaração passou a ser conhecida como a *Pedagogia dos 4 Cs*²². Donde se segue que o aluno inaciano deve ser bom e instruído. *Se não for educado, não terá condições de ajudar o próximo como poderia; e, se não for bom, não o ajudará, ou pelo menos não se pode esperar que o faça consistentemente*²³.

P. Nicolás incluía entre os traços característicos do perfil do estudante inaciano a capacidade de pensar em profundidade e de tomar decisões que brotem da sua interioridade e não sejam impostas por modismos e costumes exteriores²⁴.

18. Ibid.

19. Ibid., *Homília no Colégio São João de Brito (Lisboa, 28/06/1980)*. In: Pedro Arrupe, *La Iglesia de hoy y del futuro*. Bilbao, Mensajero y Santander, Sal Terrae, 1982, p. 444.

20. Peter-Hans Kolvenbach, *A Pedagogia Inaciana Hoje (Villa Cavalletti 29/04/1993)*. n.127.

21. Ibid., *En el 2º Centenario de la Enseñanza jesuítica en Estados Unidos de América (Georgetown, 08/06/89)*.

22. Ibid., *A Pedagogia Inaciana Hoje*. Op. Cit., n.120.

23. Ibid., n.129.

24. Adolfo Nicolás, *Discurso en el 150º aniversario de la educación jesuítica en Filipinas. (Universidad*

Aplica-se a todos os níveis educativos o perfil ampliado que deseja o P. Arturo Sosa: cidadãos e cidadãs com uma visão global crítica da realidade, fieis às suas raízes culturais, mas abertos para enriquecer o diálogo intercultural e deixar-se enriquecer por ele²⁵. *Aspiramos ser reconhecidos pela qualidade humana de nossos graduados, não porque eles são bons para concorrer em um competitivo mercado de trabalho*²⁶.

3. O Projeto Educativo

3.1 Educação Humanista

Definido o perfil do aluno, torna-se claro o projeto que têm em vista os centros educativos inicianos: promover o humanismo cristão, que ressalta a liberdade pessoal, a abertura à transcendência, o vigor intelectual, a solidariedade com os demais. A educação é humanista, segundo Arturo Sosa, *porque acompanha o processo de cada pessoa, cuidando de sua particularidade, ao mesmo tempo em que a ajuda a sair de si mesma para encarregar-se da humanidade e abrir-se à transcendência*. A tradição jesuítica apresenta três características: *é inculturada porque tem raízes em cada lugar; é dialogal porque se relaciona com outras culturas e tradições; e intercultural porque se enriquece do intercâmbio*²⁷.

Como lembrava Kolvenbach, a educação humanista procura formar alguém *crítico da sociedade em que vive, tanto positiva como negativamente, para aderir aos valores sadios que lhe são propostos, e rejeitar os falsos*²⁸.

Uma vez que nenhum processo educativo é neutro e humaniza por si só, o projeto iniciano se assenta na promoção dos *valores profundamente humanos e cristãos*. Kolvenbach deixou uma concepção de valor como *algo que tem um preço, que é querido, que é de muita estima ou que vale a pena; por conseguinte, algo pelo qual alguém está disposto a sofrer ou a sacrificar-se, algo que é uma razão para viver e, se fosse preciso, para morrer*²⁹. Nossas

Ateneo de Manila: 13/07/2009).

25. Arturo Sosa, *A educação jesuíta hoje (La Paz; 18/07/2018)*.

26. Ibid., *A universidade fonte de vida reconciliada (Loyola: 10/07/2018)*.

27. Ibid.

28. Peter-Hans Kolvenbach, *A Pedagogia Iniciano Hoje*. Op. Cit., n.132.

29. Ibid., *Características de nuestra educación. A la asamblea de Enseñanza Superior de la Compañía de Jesús en los Estados Unidos (Georgetown, 07/06/1989)*.

*instituições, defendia, devem ser capazes de recuperar valores ‘em perigo de extinção’ e de oferecer antídotos aos falsos valores do sistema. Em nossos centros deve-se respirar como um ar novo e puro, que ajude os membros da comunidade a desintoxicarem-se do ar contaminado que invade tudo: individualismo sem medida, competitividade selvagem, insolidariedade, materialismo, hedonismo, insensibilidade frente aos outros, ausência de princípios éticos, falta de compaixão. A ecologia deveria preocupar-se também com a qualidade desse ar*³⁰.

3.2 Interculturalidade

Por ser católica, a oferta educativa da Companhia deve ser aberta, abrangente, *sobranceira a todos os nacionalismos*³¹. Sem mencioná-los, Arrupe já renunciava os temas de cidadania global e de interculturalidade. A diversidade das culturas contemporâneas e a complexidade e inter-relação dos problemas devem levar o ser humano a consultar variadas disciplinas e fontes de informação de modo a ser capaz de *pesar e contrapesar influências em conflito e a sintetizar num único mosaico os diversos elementos destacados e isolados e ininteligíveis só de per si*³². Arrupe pressentia que a educação intercultural *ajuda aos alunos a dilatarem seus horizontes e justificava: Não sei se certa aversão ao compromisso social e cristão que se nota em alguns nossos antigos alunos é devido, pelo menos em parte, ao tipo de colégio, em algumas partes, ‘incubador’ do passado*³³.

Arturo Sosa aponta para estudos que distinguem *globalização* de *mundialização*. A primeira trata de uniformizar os comportamentos e as culturas, encurtando o espaço de diversidade cultural e criando a mono-culturalidade global. A mundialização, por sua vez, reconhece a criatividade como inerente à diversidade cultural e uma riqueza para o intercâmbio no planeta³⁴. A meta da educação inaciana seria a *universalização*, a interação crescente entre grupos humanos, diversos em suas culturas, mas capazes de compartilhar os interesses comuns de toda a

30. Ibid., *Os desafios da educação cristã às portas do 3º milênio*. Op. Cit.

31. Adolfo Nicolás, *Discurso en el 150º aniversario de la educación jesuítas en Filipinas*. Op. cit.

32. Pedro Arrupe, *Discurso à Federação dos colégios e universidades confiadas à Companhia de Jesus nos Estados Unidos (Colégio de São Pedro, Jersey City: 11/11/1972)*. In: *Um Projecto de Educação*. Op. Cit., 101.

33. Ibid., *Nossos colégios hoje e amanhã*. Op. Cit., n.25.

34. O P. Sosa retoma a distinção entre globalização e mundialização em *A universidade fonte de vida reconciliada*. Op. Cit.

humanidade. O ideal, afirma Sosa, é que cada ser humano, ou cada povo, seja capaz de sentir-se parte da humanidade, tornando-se consciente de sua própria cultura (inculturação), sem absolutizá-la, criticamente, reconhecendo prazerosamente a existência de outros seres humanos possuidores de culturas diversas (multiculturalidade) e estabelecendo relações estreitas com eles, enriquecendo-se com a variedade de culturas, entre as quais se encontra a sua própria cultura (interculturalidade). A universalidade vivida desta forma pode converter-se num impulso à justiça social, à fraternidade e à paz³⁵. Sosa nos alerta que não se chegará à universalidade mediante a mundialidade ou a mera justaposição ou concomitância das pessoas e culturas diversas, mas só através da interculturalidade, do intercâmbio entre as diversidades.

A interculturalidade apresenta uma dezena de traços: 1) Não é um fim em si mesma; 2) Não é apenas um «encontro entre culturas» para criar algo supra, meta ou transcultural; 3) Não apenas reconhece a existência de muitas culturas (multiculturalidade); 4) É o meio pelo qual se estabelecem as condições para viver plenamente a humanidade; 5) Acolhe as diferenças culturais que mostram o rosto da humanidade como imagem e semelhança de Deus; 6) Enriquece com o intercâmbio entre as culturas; 6) Humaniza as pessoas, as culturas e os povos; 8) Surge da construção de pontes e da comunicação mútua; 9) É processo complexo, não isento de conflitos; 10) É processo participativo e interativo com o contexto multidimensional. É mais uma *troca recíproca entre culturas que pode levar à transformação e ao enriquecimento de todos os envolvidos, sem excluir ou substituir a inculturação, mas aprofundando-a, porque ninguém pode oferecer aos outros o que não tem*³⁶.

3.3 Cidadania Global

Objetivo importante da educação jesuíta, que se impõe na atualidade é a formação para a cidadania global. Kolvenbach mencionava que a educação havia se centrado exclusivamente na satisfação do indivíduo, quando *hoje é a comunidade mundial a que deve formar o contexto no qual alguém cresce e se instrui*, obrigando os planos de estudo a se abrirem

35. Arturo Sosa, *A educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. Op. Cit.

36. Ibid.

às principais culturas do mundo³⁷.

Como ‘cidadania’ é um tema relativamente novo, o P. Sosa apresenta a sua compreensão como: a) identificação com algo maior que si mesmo; b) reconhecimento da dignidade, direitos e aportes dos outros; c) maior abrangência que os interesses individuais, parciais e estreitos; d) perspectiva pelo bem comum³⁸. O P. Geral cita a *Red Generación 21*, de Fé e Alegria, como exemplo de cidadania global, pois tendo partido da iniciativa dos jovens, pretende fazer-se ouvir sobre os principais problemas da humanidade³⁹.

Na perspectiva da cidadania global, Sosa afirma que é preciso provocar as condições para que os estudantes sintam o apelo para o serviço público como um compromisso pessoal, porque *a vocação para o compromisso direto na política é uma vocação de serviço à reconciliação e justiça*⁴⁰. Nosso objetivo de formação é *formar o que Jon Sobrino chama pobres com Espírito, pessoas que se despojam livremente de si mesmas e contribuem para que a vida de todos seja humanamente mais densa. Propomo-nos a educar pessoas consistentes, responsáveis por si mesmas e também pelos outros e pela terra em que vivemos*⁴¹.

3.4 Outros elementos do Projeto Educativo

Encontramos em Nicolás cinco notas próprias do projeto educativo inaciano: 1) Educação em liberdade, 2) Educação com intercâmbio dos estudantes entre si, com o professor e o meio ambiente, 3) Interação com a história e a cultura, não apenas com as pessoas, 4) Visão universal, aberta à diversidade, 5) Trabalho em redes⁴².

Segundo o P. Arturo Sosa, a ‘palavra de ordem’ da 36ª Congregação Geral para todas as obras educativas é a reconciliação. *A Companhia de Jesus nasceu e tem sentido como colaboradora da missão reconciliadora que passa por contribuir para a justiça social*. Corresponde à tarefa educativa

37. Peter-Hans Kolvenbach, *A Pedagogia Inaciana hoje*. Op. Cit., n.122.

38. Arturo Sosa, *A educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. Op. Cit.

39. Ibid., *Educamos nas fronteiras. Fé e Alegria, movimento global*. Op. Cit.

40. Ibid., *A universidade fonte de vida reconciliada*. Op. Cit.

41. Ibid.

42. Adolfo Nicolás, *La Educación en la Compañía de Jesús (Gijón, 08/05/2013)*.

abrir essa possibilidade para alguns e acompanhar a sua formação. Ele sublinhou que Fé e Alegria *traz em suas entranhas o serviço à reconciliação*, por isso pode ajudar a abrir os olhos para a sofrida realidade humana, contribuir com pesquisas para solucionar problemas, formar promotores da convivência solidária, transmitir valores para os diversos segmentos das escolas⁴³.

Para serem considerados no projeto educativo das instituições educativas jesuítas, Sosa apresenta os três enfoques apostólicos da Companhia de Jesus na atualidade, formulados pela 36^a Congregação Geral: 1) Discernimento, como busca constante dos sinais do Espírito não só de modo pessoal, mas enfatizado agora como ‘discernimento em comum’; 2) Colaboração, que permite ampliar e aperfeiçoar o influxo da pedagogia inaciana; 3) Trabalho em rede⁴⁴.

Da visita que fez em 2018 ao Colégio San Calixto, em La Paz, o P. Geral cobrava dos Delegados de Educação da Companhia a agenda que haviam concordado, um ano antes, em sua reunião no Rio de Janeiro. Trata-se de 13 propostas de ação reunidas em quatro blocos: 1) Experiência de Deus, 2) Tradição e Inovação, 3) Cuidado da Casa Comum e 4) Rede Global⁴⁵.

3.5 Educar a ricos e pobres

Com qual público a Companhia irá promover o humanismo cristão? A pergunta se justifica pois, muitos educadores, embalados pelos ventos renovadores do Concílio Vaticano II, alegavam que os ricos não mudam facilmente de mentalidade e atitudes, justificativa para a Companhia passar a se dedicar exclusivamente aos alunos pobres. Para auditórios variados, Arrupe mantinha a mesma resposta: a Companhia deve manter-se empenhada na universalidade da educação, com o olhar, a predileção e o cuidado com os pobres, dadas as deficiências que padecem. *Somos para todos ricos e pobres, oprimidos e opressores, para todos. Ninguém fica excluído deste nosso apostolado*⁴⁶.

43. Arturo Sosa, *Educamos nas fronteiras. Fé e Alegria, movimento global* (Madrid, El Escorial: 29/09/2018).

44. *Ibid.*, *A educação jesuíta hoje*. Op. Cit.

45. *Ibid.*

46. Pedro Arrupe, *Reflexões sobre os colégios*. In: *Um Projecto de Educação*. Op. Cit., 174.

3.6 Marcos orientadores

Referenciais da pedagogia dos jesuítas na atualidade são os documentos acima indicados: *Características da Educação da Companhia de Jesus* e *Pedagogia Inaciana – Uma proposta prática*. Eles configuram o *nosso modo de proceder em educação*⁴⁷, explicava Kolvenbach, a primeira tomada de posição pedagógica oficial da Ordem, depois da *Ratio Studiorum*. Apontam para a finalidade e os propósitos no campo educativo e fornecem indicadores precisos para o discernimento e a avaliação do serviço prestado⁴⁸. Ambos foram escritos visando os colégios, mas com princípios aplicáveis a todo processo educativo, nos diferentes níveis, em qualquer tipo de apostolado como paróquias, retiros, obras sociais, etc. Por isso, recomendava o P. Kolvenbach na carta introdutória do documento *Características da Educação da Companhia de Jesus: Os que trabalham em instituições educativas jesuítas de outro nível, especialmente universidades e escolas superiores, teriam de fazer as adaptações necessárias ou elaborar, com base neste documento, outro documento mais adaptado à sua situação*⁴⁹.

O Paradigma Pedagógico Inaciano, conhecido com PPI, é descrito no documento *Pedagogia Inaciana – Uma proposta prática*. Refere-se a uma aprendizagem impregnada de valores e direcionada a uma ação de compromisso social. Consta de cinco elementos: *Contextualização, Experiência, Reflexão, Ação e Avaliação*⁵⁰. Não são propriamente passos, momentos ou etapas sequenciais, pois podem evoluir como numa elipse. São, melhor dito, ‘vivências’ a serem experimentadas pelas pessoas no decorrer de qualquer processo de aprendizagem⁵¹.

Depois de promulgar e incentivar a utilização e adaptação do PPI a diversos níveis educativos, o P. Kolvenbach apresentou outro paradigma, agora referente às finalidades ou razões da educação prestada

47. Peter-Hans Kolvenbach, *Los desafíos de la educación cristiana a las puertas del 3er. Milenio (Arequipa, Colegio San Jose, 18/07/1998)*.

48. *Ibid.*, *A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano (Roma, Monte Cucco: 27/05/2001)*, n.10 a12.

49. *Ibid.*, *Carta introdutória ao documento Características da Educação da Companhia de Jesus*. Op. Cit., n. IX.

50. *Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática*. Op. Cit., n.32-70.

51. Essa compreensão dos elementos do PPI como ‘vivências’ se deve aos PP. Fernando de la Puente e Juan Bastero. In: *Unidad Didáctica y el Paradigma Ignaciano*. Madrid, CONEDSI, 2005, 3.

pelos jesuítas, que tem sido considerado pelas instituições universitárias jesuítas. Está inspirado num texto do P. Diego de Ledesma (1524–1575), jesuíta dos primórdios da Companhia. A primeira razão é *Utilitas*, finalidade prática para fornecer aos alunos os meios indispensáveis para se conduzirem na vida. *Iustitia* propõe contribuir para a justa gestão dos assuntos públicos. Segue-se a *Humanitas*, que trata do aperfeiçoamento da dimensão racional do ser humano. *Fides* conclui o quadro, situando todo o desenvolvimento pessoal e o trabalho humano na perspectiva cristã⁵².

Os dois paradigmas não são alternativos nem excludentes, mas complementares. O paradigma Ledesma-Kolvenbach, como ficou sendo conhecido, trata da razão de ser, da finalidade das instituições educativas jesuítas, de acordo a quatro dimensões (prática, social, humana e religiosa) enquanto o PPI trata do modo de desenvolver a aprendizagem segundo a perspectiva inaciana em vista da ação.

A 05 de novembro de 2019 o P. Geral, Arturo Sosa, promulgou um novo documento, elaborado pela *Comissão Internacional do Apostolado Educativo Jesuíta*, denominado *Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século 21. Um exercício contínuo de discernimento*. Como afirma o P. Geral na carta de promulgação, o documento quer interpretar e responder às mudanças aceleradas no mundo, de modo a renovar nossa tradição viva na educação, como um exercício contínuo de discernimento. Por isso, o documento não substitui, mas complementa e atualiza os documentos *Características* e *Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática*, devendo os três ser co considerados em conjunto⁵³.

3.7 *Objetivos das universidades*

P. Arturo Sosa recorda aos reitores os traços principais das universidades: Comunidade educadora, que integra todos os segmentos; Comunidade de interesses espirituais, empenhada na busca da verdade, na construção do conhecimento e na formação humana; Promotora de mudanças culturais; Promotora da justiça social e da sustentabilidade ecológica; Espaço plural para compreender a realidade; Com

52. Peter-Hans Kolvenbach, *A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano*. Op. Cit.

53. Arturo Sosa, *Carta a toda la Compañía. Colegios Jesuítas: una tradición viva*. Roma, Cúria Geral, 05/11/2019.

capacidade criativa de ver além do presente⁵⁴.

3.8 Educação vitalícia

A formação que a Companhia de Jesus se empenha em oferecer não pode circunscrever-se aos tempos da escola, mas deve produzir um efeito duradouro. A educação deve ser vitalícia, uma vez que pretende formar *hábitos de refletir, de pensar, de admitir a pluralidade, de saber que a vida humana é muito mais rica que qualquer ideologia, qualquer posição, são hábitos de crescimento, que produzem ações concretas e um estilo de vida concreto*⁵⁵.

3.9 Um símbolo

Para ilustrar o objetivo da educação inaciana, Nicolás tomou a ideia de um bispo de Camboja para sugerir a girafa como símbolo: tem um coração grande para bombear o sangue até a cabeça e uma visão alta e muito ampla. Assim devem sair os alunos da escola jesuíta: com um coração ardoroso pelo bem da humanidade e do meio ambiente, e uma visão abrangente para ler corretamente a realidade⁵⁶.

4. Educação para a transcendência

4.1 Dupla dimensão

A dimensão religiosa dos centros educativos é abordada em diversos pronunciamentos dos Padres Gerais. Ao dirigir-se ao âmbito das universidades, o P. Kolvenbach ressaltou a importância da dimensão pastoral, como elemento essencial para ajudar na conscientização, assimilação e prática dos valores cristãos. Para isso, alertava que este ministério não deveria reduzir-se a alguns programas de atenção religiosa para alunos, professores e funcionários, mas estender-se às relações

54. Ibid., *A universidade fonte de vida reconciliada*. Op. Cit.

55. Adolfo Nicolás, *La educación en la Compañía de Jesús*. Op. Cit.

56. Ibid.

entre os segmentos da Comunidade Educativa, caso contrário, *o nosso ensino corre o risco de permanecer algo cerebral, não plenamente humano, na sua busca do amor e da vontade de Deus*⁵⁷.

Kolvenbach defenderia que *evangelho e educação encontram-se estreitamente unidos*⁵⁸, mas alertava contra o perigo de se reduzir o colégio a um pretexto para evangelizar, visto que a educação tem propósitos próprios que não permitem ser instrumentalizados. Ele esclarecia que o centro educativo inaciano se caracteriza por uma dupla dimensão: é escola e é católico. O substantivo escola indica a oferta de uma formação integral aos alunos, mediante a assimilação abrangente e crítica da cultura, tendo em conta a legislação do setor. *O primeiro de um colégio da Companhia, por óbvio que pareça, é que seja um colégio. O adjetivo católico indica que deve ser um colégio cujos objetivos e orientação geral e prática pedagógica se fundamentam em um sistema de valores, significados e em uma concepção do ser humano, do mundo e de Deus, que são próprios de Santo Inácio de Loyola. Nisto consiste a inspiração inaciana de um colégio da Companhia*⁵⁹. Kolvenbach declarava que nossa educação *tem uma determinada visão de Deus, do ser humano, do mundo e uma missão muito precisa. Esta visão e missão não são negociáveis. Elas são como nossos sinais de identidade, que nos distinguem dentro do oceano globalizador e diferenciam-nos dele*⁶⁰.

4.2 No Ensino Superior

Se a identidade religiosa era mais facilmente compreendida no âmbito da Educação Básica, nem sempre ocorria o mesmo no Ensino Superior, pois se ouviam, por vezes, acusações de que as universidades estariam sendo distraídas de seu rigoroso foco acadêmico em prol da dimensão religiosa. Kolvenbach reagiu energicamente a tal juízo, declarando: *longe de nós a pretensão de converter a universidade em mero instrumento de evangelização, ou pior ainda, de proselitismo. A universidade*

57. Peter-Hans Kolvenbach, *Características de nuestra educación. A la asamblea de Enseñanza Superior de la Compañía de Jesús en los Estados Unidos*. Op. Cit.

58. *Ibid.*, *Os desafios da educação cristã às portas do 3º Milênio*. Op. Cit., p. 285.

59. *Ibid.*, *El compromiso de la Compañía de Jesús en el sector de educación (Gdynia, Polonia: 10/10/1998)*.

60. *Ibid.*, *Os desafios da educação cristã às portas do 3º milênio*. Op. Cit.

*tem suas próprias finalidades que não podem ser subordinadas a outros objetivos. É preciso respeitar a autonomia institucional, a liberdade acadêmica. E concluía: atuar na prática como se fosse preciso optar entre o ser universidade ou ser da Companhia, seria cair em um lamentável reducionismo*⁶¹.

Igualmente ao Ensino Superior, Kolvenbach afirmava que deve fidelidade ao substantivo ‘universidade’, dedicando-se à *pesquisa, ao ensino e às várias formas de serviço que correspondem à sua missão cultural*. E também ao adjetivo da Companhia, [jesuítico], que implica realizar o serviço da fé e a promoção da justiça⁶².

Nos centros jesuítas de ensino ninguém, desde os alunos principiantes até os pesquisadores mais avançados, está dispensado do objetivo final, que é capacitar a pessoa e a comunidade humana para se tornarem imagem de Deus, pois todos os membros da Comunidade Educativa, *além de serem profissionais qualificados de ensino, estão chamados a ser homens e mulheres do Espírito*. Kolvenbach assegurava: *se os vossos centros de ensino não são instrumentos para a esperança, a Boa Nova, então é que está em crise a sua identidade como apostolado jesuíta*⁶³.

4.3 Abrangência religiosa

O P. Sosa menciona a existência de escolas jesuítas e ambientes não-cristãos, ou pós-cristãos, e o bem que prestam com uma sólida formação de fé para os que são receptivos. Ele afirma que *a educação é uma forma de combater os fundamentalismos de todo tipo. Qualquer que seja a sua origem religiosa, os que saem de nossas instituições educativas devem fazê-lo com uma sensibilidade pela justiça, o respeito e a apreciação da sua própria identidade religiosa e da dos outros, e um sentido de vocação para tratar de mudar o mundo em que vivem*⁶⁴.

A respeito da abrangência que implica a dimensão religiosa da escola inaciana, o P. Nicolás relatava o questionamento que fazia um jovem professor budista à existência de capela no colégio jesuíta onde

61. Ibid., *A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano*. Op. Cit.

62. Ibid., *El servicio de la fe y la promoción de la justicia en la educación universitaria de la Compañía de Jesús de Estados Unidos*. Op. Cit.

63. Ibid., *En el segundo Centenario de la Enseñanza jesuítica en Estados Unidos de América* (Georgetown, 08/06/89). Op. Cit.

64. Arturo Sosa, *Carta a la Compañía de Jesús sobre los Secretarios de Áreas Apostólicas de la Curia General* (Roma: 13/07/2019).

leccionava. Optou por demitir-se quando lhe responderam que até então não havia entendido como todo o colégio é uma capela. Nicolás justificava essa afirmação: *a educação jesuíta é integral, é tudo, a capela, a sala de aula, o esporte, a aula de pintura e as exposições que se fazem teatro, etc., tudo é capela, tudo é sagrado*. E ainda: *toda a experiência humana é uma experiência que acontece na presença de Deus e através de tudo cresce a pessoa*⁶⁵.

5. Primazia da justiça e da reconciliação

5.1 Marca distintiva: a justiça

Dentre os diversos temas educativos que Arrupe tratou durante o seu mandato de Superior Geral, aquele no qual insistiu de modo particular foi o da justiça social e da justiça educativa. Nos diversos escritos e pronunciamentos é notório o impacto causado por documentos e eventos da Igreja dos quais também havia participado, tais como: as assembleias do episcopado da América Latina em Medellín (1968); da África, em Kampala (1969) e da Ásia, em Manila (1970); da Carta Apostólica do Papa Paulo VI *Octogesima Adveniens* (1971), sobre a atualização da Doutrina Social da Igreja, e do Sínodo dos Bispos sobre *A Justiça no Mundo*, em 1971.

Um posicionamento marcante de Arrupe sobre a justiça deu-se na sessão conclusiva do 10º Congresso da Confederação Europeia de Associações de Antigos Alunos dos Jesuítas, ocorrido em Valencia, Espanha, no dia 1º de agosto de 1973. Essa alocução surpreendeu a assembleia por afirmar a pretensão educativa dos jesuítas: formar homens e mulheres para os demais, com o foco na implantação da justiça. Arrupe começou afirmando que no Sínodo sobre *A Justiça no Mundo*, realizado em 1971, a Igreja Católica, adquiriu nova consciência de que a ação em favor da justiça e da libertação de qualquer situação opressiva, e conseqüentemente, a participação na transformação deste mundo forma parte constitutiva da missão que Jesus Cristo lhe confiou. A seguir, Arrupe indagou aos Antigos Alunos se a Companhia os havia educado para a justiça e se eles mesmos se reconheciam formados para a justiça. Ele próprio confessou: *Se lhe dermos ao termo 'justiça', e à*

65. Adolfo Nicolás, *La educación en la Compañía de Jesús*. Op. Cit.

expressão 'educação para a justiça' toda a profundidade que a Igreja lhe vem dando hoje, creio que os jesuítas temos de responder com toda a humildade que não, que não os temos educado para a justiça, tal como Deus a exige hoje de nós. E creio que posso pedir-lhes também a humildade de responder que não, que não estão educados para a justiça, e que têm que completar a educação recebida⁶⁶.

A interpelação foi um divisor de águas, à qual alguns antigos alunos reagiram indignados, retirando-se da Associação, e certo setor da imprensa criticou severamente. No entanto, logo o Papa Paulo VI manifestou ao P. Arrupe o seu agradecimento pela conferência e o apreço pela *forma incisiva com a qual, baseando-se na mensagem evangélica e em consonância com o perene Magistério Eclesiástico, convidou os assistentes a viver e a testemunhar a caridade e a justiça cristã, principalmente mediante a reforma interior e a superação dos egoísmos pessoais e sociais*⁶⁷.

Quando iniciou o seu generalato, Kolvenbach encontrou-se com a situação de o Decreto n.4 da 32ª Congregação Geral sobre defesa da fé e a promoção da justiça, promulgado oito anos antes, haver suscitado incompreensões e resistências também no meio educativo jesuíta. Sentindo ser urgente dissolver esse mal-estar, o P. Geral foi explicando a vários auditórios as razões, o sentido correto e as implicações daquela opção dos Padres Congregados para o trabalho educativo. A Congregação quis evitar termos tradicionais como caridade, misericórdia, amor, filantropia e utilizar uma linguagem mais incisiva, que para alguns foi entendida como revolucionária e subversiva. Como resultado, a Congregação *comprometeu a Companhia com a promoção da justiça como resposta concreta, radical, mas proporcionada, a um mundo que sofre injustamente. Estimular a virtude da justiça nas pessoas não bastava. Pois somente uma justiça substantiva pode trazer as mudanças estruturais e comportamentais necessárias para desarraigar as injustiças pecaminosas que são um escândalo contra a humanidade e contra Deus*⁶⁸.

Paralelamente ao trabalho de pacificar os ânimos refratários à opção pela justiça, P. Kolvenbach incentivou as comunidades educativas a proporcionarem aos alunos experiências com a realidade chocante

66. Pedro Arrupe, *Hombres y mujeres para los demás*. Op. Cit. In CVPI.

67. Carta do Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Jean Villot, ao P. Arrupe (30/09/1973). In: Pedro Arrupe, *Um projecto de Educação*. Op. Cit., n.13, 239.

68. Peter-Hans Kolvenbach, *El servicio de la fe y la promoción de la justicia en la educación universitaria de la Compañía de Jesús de Estados Unidos*. Op. Cit.

deste mundo de injustiça e de opressão dos pobres, *de modo que eles possam aprender a senti-la, pensar criticamente sobre ela, responder ao sofrimento e se engajar construtivamente*⁶⁹.

P. Adolfo Nicolás recordaria que o chamado do P. Arrupe para educar pela justiça se converteu numa marca distintiva da Companhia de Jesus. E mais: *grande parte dos nossos centros educativos no mundo têm programas sérios, inovadores e criativos, para educar no compromisso social. Instituições educativas de outras Congregações Religiosas, ou até mesmo do Estado, aproveitam estes resultados e pedem assessoria neste campo*⁷⁰.

De qual justiça se trata? Trata-se de considerar a justiça, nunca como critério absoluto, mas sempre impregnado da caridade cristã. O amor ao próximo e a justiça são inseparáveis, retomava Arrupe do Sínodo, *porque o amor implica uma exigência absoluta de justiça, quer dizer, o reconhecimento da dignidade e dos direitos do próximo... A justiça, por sua vez, alcança a sua plenitude interior somente no amor*⁷¹.

Ponto de partida de Arrupe para a pregação sobre a justiça foi o procedimento metodológico do Sínodo sobre a Justiça de não apenas ver a realidade circundante, mas de interpretá-la à luz de Deus, a partir do seu olhar e do seu amor. Tal leitura mostra a impossibilidade de dissociar o amor a Deus do compromisso com o próximo e *impõe* a Igreja, entendida não apenas como o clero, mas a coletividade dos fiéis, *a educar-se (ou melhor, reeducar-se) a si mesma, aos seus filhos e a todos os homens*⁷².

Arrupe reconhecia que os fins educativos da Companhia sempre consideraram as necessidades dos povos de uma maneira geral e perene, sendo necessário agora descer ao contexto pontual e específico para identificar as carências das pessoas⁷³.

69. Ibid.

70. Adolfo Nicolás, *Los Antiguos Alumnos de la Compañía de Jesús y su responsabilidad social. 8º Congreso Mundial de la Unión de Antiguos Alumnos de la Compañía de Jesús. Medellín, Colombia: 15/08/2013.*

71. Pedro Arrupe, *Hombres y mujeres para los demás*. Op. Cit., In CVPI.

72. Ibid.

73. Ibid., *Palestra ao grupo diretivo da Associação de Educação Secundária dos jesuítas dos Estados Unidos (New York, 10/11/72)*. In: *Um Projecto de Educação*. Op. Cit., 89.

5.2 Prática da justiça

Admitindo-se que é *difícil ser bom num mundo mau, onde o egoísmo estrutural nos ataca e ameaça aniquilar*⁷⁴, será preciso recorrer ao amor para suportar os efeitos da injustiça, repelir o ódio, a vingança, o revanchismo. Na verdade, deduzia Arrupe, *quando o ódio do outro faz nascer o ódio em nós, somos nós os vencidos, embora consigamos esmagar o adversário*⁷⁵.

O P. Arturo Sosa, à luz da 36ª Congregação Geral mostrava que a reconciliação e a justiça são uma única missão. A reconciliação verdadeira pede que a justiça se faça presente. Mas a educação para a justiça num mundo globalizado, como explica Kolvenbach, depende de um projeto e prática educativa definidos e coerentes.

A prática da justiça começa com a atitude de sensibilização diante do contexto social, como recomendava Arrupe: *Se os nossos claustros e seus alunos se mostrassem sensíveis à justiça, se se empenhassem no estudo e serviço dos outros, procurassem a contemplação na ação, serviriam a Igreja hoje como Canísio, Régis, Bellarmino e Claver a serviram no seu tempo*⁷⁶.

A sensibilização e o compromisso pela justiça requerem a conversão interior, a determinação da pessoa em manter-se consciente, desapegada e livre diante do assédio da propaganda consumista, hedonista, utilitarista. Em diversos pronunciamentos, Arrupe exortou as pessoas a reagirem fortemente ao aproveitamento de situações e mecanismos de privilégio, de lucros de origem duvidosa, a redimensionarem suas vidas de acordo ao desapego e à frugalidade. É preciso formar homens e mulheres verdadeiramente livres e não escravos da sociedade de consumo. Homens e mulheres que diante dos anúncios da televisão e das vitrinas das lojas sintam a satisfação de poder exclamar, felizes com a sua liberdade: *de quantas coisas não preciso! De quantas não sou escravo!*⁷⁷.

Uma vez empenhada no processo da própria conversão, a pessoa se persuade de que lhe urge desmontar as estruturas, os mecanismos, a cultura da injustiça. Dessa tarefa ninguém pode se abster, asseverava Arrupe, pois tal atitude poderia configurar uma *forma de colaboração com*

74. Ibid., *Hombres y mujeres para los demás*. Op. Cit., In CVPI.

75. Ibid.

76. Ibid., *Palestra ao grupo diretivo da Associação de Educação Secundária dos jesuítas dos Estados Unidos*. Op. Cit., 88.

77. Ibid., *Hombres y mujeres para los demás*. Op. Cit., In CVPI.

o pecado⁷⁸. E há que se ter em conta que, para a superação das estruturas injustas *não se pode esquecer que os principais agentes de transformação e de mudança hão de ser os mais oprimidos, dos quais os mais privilegiados, por assumir a sua causa, são simples colaboradores instalados nos pontos de controle da estrutura que se pretende mudar*⁷⁹.

No esforço de ajudar os Antigos Alunos a se conscientizarem da dimensão social, Arrupe os interrogava se a participação no produto social dos melhores situados na vida não estaria superando o que deveria ser, caso a estrutura fosse mais justa. *Eu lhes pediria, continuava, que não excluam demasiado rápido esta colocação e não nos esqueçamos que o ponto de referência decisivo são os verdadeiramente pobres em nossos países e no Terceiro Mundo*⁸⁰.

Da parte dos professores universitários, a educação para a justiça requer o contato e o trabalho com aquelas pessoas e entidades que convivem e servem em situações de pobreza. *Deveriam estar empenhados juntos, dizia Kolvenbach, em todos os aspectos: presença entre os pobres, desenho de pesquisas, coleta de dados, exame dos problemas, planejamento e ação, avaliação, reflexão teológica.* A pergunta que a cada professor cabe fazer é: *onde e com quem está meu coração?*⁸¹

Mais que tudo, a sensibilização social vem através do testemunho de todos – de educadores e alunos – tema ao qual Arrupe retornava várias vezes: *Para libertar o homem contemporâneo do seu apego desordenado ao dinheiro e ao poder, e para libertá-lo da sua autossuficiência – raízes do seu ateísmo e da sua injustiça – não basta uma mensagem oral ou escrita, requer-se o testemunho inteiro de uma vida*⁸².

5.3 Mundo globalizado

O contexto social no qual vivemos traz a marca indelével da globalização ponderava Kolvenbach. *Nesta aldeia planetária a mundialização*

78. Ibid.

79. Ibid.

80. Ibid.

81. Peter-Hans Kolvenbach, *El servicio de la fe y la promoción de la justicia en la educación universitaria de la Compañía de Jesús de Estados Unidos*. Op. Cit.

82. Pedro Arrupe, *Carta a um Provincial (15/01/1978)*. In: *Um Projecto de Educação*. Op. Cit., 150.

*de todas as esferas da atividade humana adquire dimensões nunca vistas*⁸³. É um cenário insidioso que *não pode vir de Deus*⁸⁴ quando tenta colocar num altar o mercado e o interesse econômico, fora de qualquer consideração ética, produz efeitos funestos⁸⁵ de modo que *os pobres sempre perdem a corrida do livre mercado*⁸⁶.

A globalização configura uma cultura, um modo de ser e viver que precisa ser enfrentado com uma atitude sadiamente crítica, rejeitando toda *tentação de absolutização*, porque *a sociedade de mercado esconde refinadas formas de individualismo e de egoísmo, assim como uma sutil manipulação do pensamento e dos sentimentos da pessoa*⁸⁷.

Nicolás externava a sua preocupação com a sutil ‘modelagem’ que as novas tecnologias vão realizando sobre o mundo interior dos jovens que educamos, *limitando assim a plenitude do seu desenvolvimento como pessoas humanas e suas respostas a um mundo que necessita recuperar a saúde intelectual, moral e espiritual*⁸⁸.

No entanto, Kolvenbach também exortava a uma visão correta da realidade para reconhecer elementos da cultura globalizante que *oferecem possibilidades únicas para a construção de um mundo mais fraterno e solidário, como as oportunidades de comunicação, integração, interdependência e de unidade do gênero humano*⁸⁹.

O Sínodo sobre a Justiça havia denunciado que o sistema educativo e os meios de comunicação, em lugar de fomentar a consciência social, estimulam o individualismo, a alienação, a posse desenfreada dos bens materiais. Desta forma, *em lugar de conceber a formação como uma capaci-*

83. Peter-Hans Kolvenbach, *Los desafíos de la Educación Cristiana a las puertas del 3er. Milenio*. Op. Cit.

84. Ibid., *La universidad de la Compañía de Jesús a la luz del carisma ignaciano*. Op. Cit.

85. Dirigindo-se aos reitores das universidades jesuítas, em Roma, Kolvenbach listava os *espantosos resultados da globalização econômica*: *desumanização, individualismo, egoísmo, fragmentação social, aumento da separação entre ricos e pobres, exclusão, falta de respeito aos direitos humanos, neocolonialismo econômico, exploração, danificação do ambiente, violência, frustração. Para não falar da conexão perversa com a globalização do crime: tráfico de seres humanos e de armas, droga, exploração da mulher e do sexo, trabalho infantil, manipulação dos meios, máfias de todo o tipo, terrorismo, guerra, degradação do valor da vida...* (Peter-Hans Kolvenbach, *A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano*. Op. Cit.).

86. Peter-Hans Kolvenbach, *Os desafios da educação cristã às portas do 3º Milênio*. Op. Cit.

87. Ibid., *El compromiso de la Compañía de Jesús en el sector de educación*. Op. Cit.

88. Adolfo Nicolás, *Profundidad, universalidad y ministerio intelectual: Retos a la educación superior jesuita hoy*. Op. Cit.

89. Peter-Hans Kolvenbach, *A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano*. Op. Cit.

tação para o serviço, fomenta-se uma ‘mentalidade que exalta a posse’, e que degrada a escola, o colégio e a universidade ao nível de campo de aprendizagem de técnicas para escalar postos, ganhar dinheiro e situar-se de modo exploratório sobre os outros. Por isso, a sensibilização e o compromisso social são fomentados através de toda estrutura do complexo educativo, do currículo, dos princípios e métodos pedagógicos, a vivência dos valores cristãos⁹⁰.

A educação para a justiça e a solidariedade se realiza neste mundo concreto do qual não se pode eximir, argumentava Kolvenbach. *Ser cristão é sê-lo neste mundo*, conforme atestam a convicção e a experiência de Santo Inácio sobre a presença e atuação de Deus em todas as realidades. Por conseguinte, *educar hoje é educar no marco da globalização*⁹¹.

Arturo Sosa perguntava a Fé e Alegria: *como poderia ser uma educação libertadora num mundo complexo, velozmente cambiante e interconectado?* Ele sugere que cada estudante deve compreender a complexidade deste mundo e contribuir para a sua transformação, *em lugar de ficar de fora como vítima de suas graves injustiças, fraturas e feridas*⁹². Ele elenca seis traços do mundo atual para serem levados em conta ao se programar a educação da justiça e da reconciliação: 1) *Mudanças demográficas sem precedentes*, 2) *Crescente iniquidade*, 3) *Incremento da polarização e do conflito*, 4) *Crise ecológica que afeta o nosso planeta*, 5) *Expansão de um habitat ou cultura digital*, 6) *Debilitação da política como busca do bem comum*⁹³. Aos reitores de universidades da Companhia de Jesus P. Sosa chamaria ainda a atenção para o que estão produzindo a revolução tecnológica e a nova cultura digital: a criação de um novo mundo, com novos modos de as pessoas pensarem e se relacionarem⁹⁴.

A educação inaciana tratará de *ensinar a pensar, a discernir, a escolher retamente em solidariedade com os demais*⁹⁵. Para o enfrentamento dos efeitos perversos da globalização o P. Kolvenbach convocava as universidades a contribuírem para estabelecer a *globalização da solidariedade*, como propunha o Papa João Paulo II. Elas poderiam exercer um papel

90. Pedro Arrupe, *Hombres y mujeres para los demás*. Op. Cit. In: CVPI.

91. Ibid., *Os desafios da educação cristã às portas do 3º Milênio*. Op. Cit.

92. Arturo Sosa, *Educamos nas fronteiras. Fé e Alegria, movimento global*. Op. Cit.

93. Ibid., *A educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. Op. Cit.

94. Ibid., *A universidade fonte de vida reconciliada*. Op. Cit.

95. Peter-Hans Kolvenbach, *El compromiso de la Compañía de Jesús en el sector de educación*. Op. Cit.

orientador, dizendo a sua própria palavra sobre temas que oprimem as pessoas e a sociedade. Mas só a denúncia não basta, pois são indispensáveis o anúncio e a proposta de superação⁹⁶.

Na atual cultura globalizada, afirmava o P. Nicolás, *em que as forças econômicas predominantes enfatizam modelos educativos nos quais se privilegia o utilitarismo instrumental, que a Companhia de Jesus continue fiel a seu propósito de formar ‘homens e mulheres para os demais e com os demais’*⁹⁷. Frente a certas ofertas educativas na América Latina que são puramente mercantilistas e competitivas, despreocupadas com a formação humanista, Arturo Sosa defende que a personalização é *uma chave irrenunciável da pedagogia inaciana. Talvez a maior novidade da pedagogia inaciana é o que na linguagem da Companhia chamamos ‘o cuidado de cada pessoa’, a ‘cura personalis’*⁹⁸.

6. Empenho pela inclusão dos pobres

6.1 Prevalência dos pobres

Por força do Evangelho e da conjuntura de um mundo que insiste em não apenas oprimir, mas descartar os mais vulneráveis, a inclusão dos pobres prevalece na agenda dos centros educativos jesuítas. No entanto, como este constituiu problema de compreensão para uma parcela do setor educativo da Companhia, o P. Kolvenbach sentiu-se obrigado a esclarecer os pontos conflitantes.

A causa dos pobres é uma das marcas fundamentais da educação jesuíta, o *ponto de referência irrenunciável na estrutura da escola*⁹⁹, a medida do seu vigor, porque procede do olhar da Santíssima Trindade sobre o mundo, conforme Santo Inácio apresenta na *Contemplação da Encarnação*, nos *Exercícios Espirituais*¹⁰⁰. Jesus Cristo ‘empobreceu-se’ ao assumir a natureza humana e se posicionou sempre com e como os pobres para todos poderem desfrutar de uma vida em abundância. O pobre é o que

96. Ibid., *A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano*. Op. Cit.

97. Adolfo Nicolás, *Los Antiguos Alumnos de la Compañía de Jesús y su responsabilidad social*. Op. Cit.

98. Arturo Sosa, *A educação jesuíta hoje*. Op. Cit.

99. Peter-Hans Kolvenbach, *A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano*. Op. Cit.

100. Inácio de Loyola, *Exercícios Espirituais*, Op. Cit., n.101-109.

mais necessita da compreensão e do apoio dos outros por estar numa situação de desigualdade em relação a eles, uma vez que a desigualdade socioeconômica com frequência traz consigo a desigualdade cultural. *Portanto, é necessária uma desigualdade de tratamento em favor do pobre: para modificar eficazmente a desigualdade primeira na qual se encontra*¹⁰¹.

Por conseguinte, mostrava Kolvenbach, os pobres *são parte integrante de nosso projeto educativo, em busca de uma sociedade justa e solidária, em que desapareça toda classe de exclusões. Eles devem ser levados a sério e a opção por eles não é uma moda passageira, certamente incômoda para alguns*¹⁰².

A dignidade do pobre não permite considerá-lo objeto do desvelo ou da compaixão da Comunidade Educativa porque, afirmava Arrupe, a educação *o ajuda a superar a própria impotência e debilidade, desperta-lhe novas energias de progresso e superação*¹⁰³, tornando-o *o primeiro motor da sua própria promoção*¹⁰⁴. Por isso, o pobre é um referencial de toda a educação jesuíta. Ele, segundo Kolvenbach, deve constituir-se num critério de vida de todo aluno inaciano, a alertá-lo a nunca empreender uma iniciativa ou a tomar uma decisão na vida sem ter os pobres em conta, *sem pensar antes como pode afetar os que ocupam o último lugar na sociedade*¹⁰⁵.

Ao dirigir-se à Universidade de Santa Clara (Estados Unidos), Kolvenbach evocava a aula inaugural do P. Ignacio Ellacuría ao defender que a universidade cristã tem que assumir a predileção evangélica pelos pobres, o que não significa selecionar o alunado segundo a situação econômica nem debilitar o vigor acadêmico da instituição. *Quer dizer, explicava que a universidade deveria estar intelectualmente presente onde é preciso: prover ciência aos que não têm ciência, treinos aos destreinados, ser uma voz para aqueles que não se qualificam academicamente para promover e legítimar seus direitos*¹⁰⁶.

101. Peter-Hans Kolvenbach, *Discurso de abertura del congreso de estudios internacionales sobre la Pedagogía Ignaciana* (Messina: 14/11/1991).

102. *Ibid.*

103. Pedro Arrupe, *La Educación es obra de colaboración*. In: *Ante un mundo en cambio*. Zaragoza, EAPSA, 1972, 202.

104. *Ibid.* 203.

105. Peter-Hans Kolvenbach, *Os desafios da educação cristã às portas do 3º Milênio*. Op. Cit.

106. *Ibid.*, *El servicio de la fe y la promoción de la justicia en la educación universitaria de la Compañía de Jesús de Estados Unidos*. Op. Cit.

Na resposta aos cétricos quanto à manutenção de colégios, Arrupe e Kolvenbach afirmariam que a educação jesuíta não se restringe a um estamento social, antes deve procurar servir *a todos, ricos, classe média e pobres, mas desde uma perspectiva de justiça*¹⁰⁷. Como a inclusão dos mais pobres nos colégios nem sempre é factível, se eles *não podem sempre frequentar nossos centros educativos, estes devem ir aos pobres*¹⁰⁸.

O mero incremento numérico de pobres nas escolas jesuítas não comprovaria, por si só, a preferência por eles. O estilo, o desenho, ou a ‘ecologia’ da escola devem manifestar o apreço e o respeito pelos pobres através da organização pedagógica, dos planos de estudo, da estrutura organizacional, dos regimentos, do clima comunitário. Ou seja, o peculiar projeto educativo em vista de determinado projeto social é tornar popular essa nova modalidade educativa.

A opção pelos pobres irá requerer a atenção constante do professor para manter a coerência dos conteúdos que serão trabalhados com a dimensão social, porque, dizia Kolvenbach, *se os professores escolhem pontos de vista incompatíveis com a justiça do Evangelho e consideram pesquisa, ensino, aprendizado, separados da responsabilidade moral pelas suas repercussões sociais, estão passando uma mensagem aos alunos, estão lhes dizendo para seguir suas carreiras e interesses próprios, sem relação com nenhum ‘outro’ senão eles mesmos*¹⁰⁹.

Assim como os alunos precisam dos pobres, lembrava Kolvenbach, para aprender a realidade da vida, também *os professores, para pesquisar, ensinar e formar precisam de parcerias com o apostolado social*. Mas prevenia que esse procedimento *não transforma as universidades da Companhia em sucursais do apostolado social ou em agências da mudança social, como certa retórica do passado pode ter levado a temer, mas são caução verificável da opção dos docentes e, realmente ajudam, na expressão coloquial, a ‘meter a mão na massa’*¹¹⁰.

Discursando aos Antigos Alunos, no seu 8º Congresso Mundial, P. Nicolás enumerou os principais trabalhos que a Companhia tem desenvolvido para os mais pobres e marginalizados, sublinhando que,

107. Ibid., *Características de nuestra educación. A la asamblea de Enseñanza Superior de la Compañía de Jesús en los Estados Unidos*. Op. Cit.

108. Ibid., *Os desafios da educação cristã às portas do 3º Milênio*. Op. Cit.

109. Ibid., *El servicio de la fe y la promoción en la educación universitaria de la Compañía de Jesús de Estados Unidos*. Op. Cit.

110. Ibid.

atualmente, o número de alunos desfavorecidos que recebem educação da Companhia supera em muito o daqueles que vêm dos nossos colégios mais tradicionais. Ao final do congresso, o P. Nicolás fez aos Antigos Alunos uma veemente conclamação para se associarem à Companhia, para assumirem o propósito de gerar uma ampla consciência mundial a favor de uma educação de qualidade para todos, para exercerem uma maior ‘advocacy’ ou incidência pública em favor dos últimos da sociedade em pontos chave da vida econômica, política, cultural e religiosa dos povos¹¹¹.

6.2 Educação Popular

Na visita ao *Instituto Técnico Jesús Obrero*, em Caracas, P. Kolvenbach mostrou como a Educação Popular decorre da mudança de mentalidade social, e de contato e trabalho com os pobres que o P. Jean-Baptiste Janssens, seu antecessor de 1946 a 1964, havia pedido aos jesuítas, de modo a não aparecerem como aliados dos ricos e capitalistas¹¹².

A 34ª Congregação Geral dos Jesuítas apresentou alguns traços da Educação Popular, como recordou o P. Kolvenbach: é dirigida a jovens e adultos da classe carente, em áreas urbanas ou rurais, especialmente em países em desenvolvimento. Caracteriza-se por pedagogia participativa, formação técnica e social, formação ética e religiosa, orientação para a análise e transformação da sociedade, a educação de ‘homens e mulheres para os outros’ que podem um dia exercer a liderança¹¹³.

De todo o exposto, Kolvenbach declarou que toda a educação da Companhia deveria estar unida com o sinal dos pobres e ser em certo modo ‘popular’, no sentido de que a promoção da justiça e a dimensão dos pobres e dos excluídos deve estar presente em toda proposta educativa¹¹⁴. E acrescentava: em vez de considerar a promoção da justiça em nome do Evangelho como uma ameaça para o setor educativo, esta prioridade apostólica, que temos recebido da Igreja, devemos considerar como um compromisso que nos força a reavaliar

111. Adolfo Nicolás, *Los Antiguos Alumnos de la Compañía de Jesús y su responsabilidad social*. Op. Cit.

112. Peter-Hans Kolvenbach, *La Compañía de Jesús y la educación popular (Instituto Técnico Jesús Obrero, Caracas: 08/02/1998)*.

113. Ibid.

114. Ibid.

*nossos colégios e universidades, nossas prioridades no ensino, nossos programas, nossos esforços na pesquisa, de modo a sermos mais eficazes*¹¹⁵.

6.3 Educação para todos

Para assegurar a universalidade do público discente, os Padres Gerais têm encorajado a Companhia a envidar todos os esforços, inclusive associando-se com instâncias governamentais, eclesiais e da sociedade civil, para que nenhum aluno apto deixe de estudar nos seus centros educativos por carência econômica¹¹⁶. Dizia o P. Arrupe aos educadores: *Enquanto se promovem as bolsas de estudo, destinadas a alunos economicamente necessitados, quero pedir-vos insistentemente que encareis de frente a questão mais ampla da justiça no financiamento escolar. Questão delicada, conclua, e, nalguns aspectos perigosa, mas que urge encarar*¹¹⁷.

Nicolás recordava a condição imprescindível que Santo Inácio estabelecia para a fundação dos centros educativos da Companhia: a acessibilidade a todo tipo de aluno apto, a começar dos mais carentes. Lamentava que nos últimos anos setores apostólicos da Companhia teriam arrefecido o serviço aos mais pobres, de modo que a *imagem que a sociedade percebe de nossa educação não deixa ver com nitidez a fortaleza de nossa dedicação à educação, promoção e assistência dos grupos mais débeis e socialmente deprimidos*. Por outro lado, ao considerar Fé e Alegria, Nicolás confessava: *Alegra-me muito constatar que Fé e Alegria recuperou a intuição original de Inácio, adaptando-a à situação atual, com grande criatividade*. E formulava um desejo de que *Fé e Alegria se conceba a si mesma e seja percebida pela sociedade como experta na opção de educação dos pobres e sua promoção social*¹¹⁸.

Dirigindo-se a Fé e Alegria, no seu 47º Congresso Internacional, em 2018, mas a partir daí a todo o setor educativo jesuíta, Arturo Sosa alentou-a a garantir que cada pessoa no mundo possa desfrutar de uma educação que a ajude a superar as consequências da pobreza estrutural.

115. Ibid., *Características de nuestra educación. A la asamblea de Enseñanza Superior de la Compañía de Jesús en los Estados Unidos*. Op. Cit.

116. Pedro Arrupe, *Nossos colégios hoje e amanhã*. Op. Cit., n.8.

117. Ibid., *Carta aos Padres e irmãos da Assistência da América*. Op. Cit.

118. Adolfo Nicolás, *Discurso en el 43º Congreso Internacional de la Federación Internacional de Fe y Alegría*. Op. Cit.

Na sociedade do conhecimento, o bloqueio do acesso a uma educação de qualidade se torna mais grave, pois perpetua a pobreza, limita o crescimento das pessoas e impede a sua contribuição para transformar a realidade e ao mesmo tempo superar as injustiças¹¹⁹.

7. Modo de proceder pedagógico jesuítico

7.1 Traços principais

Tendo presentes o perfil do seu aluno e os objetivos pretendidos, que método aplicam os centros educativos jesuítas?

O P. Kolvenbach esclareceu que a Pedagogia Inaciana não tem nada de original, nem configura um sistema como o de Montessori, Pierre Faure ou de outros pedagogos. Trata-se de uma educação eclética, que capta de diversas fontes aqueles elementos com alguma ‘consanguinidade’ filosófico-pedagógica. A sua originalidade está em colher os vários elementos, e ser fiel na observância de ‘modo y orden’ dos Exercícios Espirituais¹²⁰. Nesse *percurso ordenado e coerente está o segredo dos colégios do século XVI*¹²¹.

No discurso de promulgação do documento *Pedagogia Inaciana – Uma proposta prática*, em 1993, Kolvenbach mostrou os fundamentos da pedagogia inaciana e elencou os principais traços do estilo ou do modo de proceder educativo jesuítico¹²².

A visão de Inácio sobre Deus, o ser humano e o mundo determinaram, desde o início da Ordem, a configuração do modo de proceder pedagógico jesuítico. Deus é o criador presente e atuante neste mundo de modo que *não há disjunção entre Deus e o mundo, por mais minado que este pareça. O encontro com Deus se realiza sempre no mundo, para levar o*

119. Arturo Sosa, *Educamos nas fronteiras. Fé e Alegria, movimento global*. Op. Cit.

120. ‘Modo’ é a maneira, a forma, o procedimento, as técnicas e as regras da trajetória a ser percorrida. ‘Orden’ refere-se ao encadeamento lógico da matéria e dos pontos sugeridos em cada etapa (semanas) dos Exercícios. ‘Modo y orden’ constituem a vertebração do método, conferindo-lhe identidade (In: Luiz Fernando Klein, *Exercícios Espirituais. Escola de formação para a Pedagogia Inaciana*. In: *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=1570>

121. Peter-Hans Kolvenbach, *Educar homens e mulheres no espírito de Santo Inácio*. Op. Cit.

122. *Ibid.*, *A Pedagogia Inaciana Hoje*. Op. Cit., n.144-152.

*mundo a ser plenamente em Deus*¹²³. O nosso desafio, acrescentava Nicolás é descobrir *como Deus trabalha em meio da secularidade*¹²⁴.

A Companhia de Jesus sempre entendeu que o lema de seu fundador, *ser contemplativo na ação*, resultava da imersão no mundo para encontrar a Deus. Esse traço passa a ser distintivo da espiritualidade inaciana e impregna a pedagogia por ela inspirada. *Traduzido ao terreno da educação*, explicava Kolvenbach, *este princípio inaciano significa que o encontro do ser humano com Deus se dá no campo da cultura. Fé e cultura estão estreitamente relacionadas. Aqui está um dos traços distintivos da educação da Companhia de Jesus: uma educação profundamente enraizada na realidade do mundo, e uma educação eminentemente humanista*¹²⁵. Do humanismo renascentista do século XVI, a educação jesuítica trata de inserir-se na cultura pós-moderna e globalizada do século XXI.

A cosmovisão de Inácio centra-se na pessoa de Jesus que, ao assumir a natureza humana, demonstrou como a dignidade do ser humano deve ser defendida por todos, sempre. Por isso, *o fim último e a razão de ser dos colégios é formar homens e mulheres para os outros à imitação de Cristo*¹²⁶. *Essa dignidade se fundamenta*, como recorda Arturo Sosa, no fato de o filho de Deus ter assumido a nossa condição humana concreta, vulnerável. É a partir dessa afirmação positiva de todo o humano, que podemos ter uma atitude crítica com respeito à realidade, reconhecendo o que nela vai contra a humanidade, o que subtrai humanidade aos seres humanos e às relações sociais entre eles¹²⁷. Por isso, o serviço da fé e a promoção da justiça são sinal distintivo de qualquer obra jesuíta e se tornam compromisso indeclinável de todo colégio da Companhia¹²⁸.

O conhecimento e a meditação de Jesus Cristo inspiram os alunos a tomarem-no como referente de atitudes verdadeiramente cristãs, como *serviço, compaixão, solidariedade com os nossos irmãos mais pequenos e necessitados, a gratuidade, o perdão, o sacrifício, o compromisso, o dom de si mesmo sem retorno, o amor*¹²⁹.

123. Ibid., *A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano*. Op. Cit., n.9.

124. Adolfo Nicolás, *La educación en la Compañía de Jesús*. Op. Cit.

125. Peter-Hans Kolvenbach, *El compromiso de la Compañía de Jesús en el sector de educación*. Op. Cit.

126. Ibid., *A Pedagogia Inaciana Hoje*. Op. Cit., n.136.

127. Arturo Sosa, *A educação jesuíta hoje*. Op. Cit.

128. Peter-Hans Kolvenbach, *El compromiso de la Compañía de Jesús en el sector de educación*. Op. Cit.

129. Ibid.

7.2 Requisitos do ensino

A Companhia de Jesus não pretende que os alunos adquiram um conhecimento enciclopédico, do qual venham a desfrutar egoisticamente e apenas para vencer no renhido mundo profissional. O conhecimento é indispensável para ajudar cada um a desenvolver todas as suas potencialidades, de modo a realizar-se como pessoa, tendo em vista o serviço desprendido aos demais.

Para alcançar com êxito o resultado pretendido, dois requisitos são fundamentais. Os objetivos do estudo devem ser selecionados, precisos, limitados e adaptados aos alunos, porque o princípio inaciano *non multa sed multum* sugere que *não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente*¹³⁰. Ter clareza para onde se caminha e com quais objetivos, é a proposta de Santo Inácio ao exercitante nos Exercícios Espirituais antes de cada momento de oração: *...logo ao despertar, ter presente aonde vou e a quê*¹³¹. O mesmo é desejável para o processo de construção do conhecimento.

O segundo requisito é proporcionar ao aluno um ambiente atrativo, motivador para a aprendizagem. Por isso, a ‘ecologia’ didática é organizada tendo em conta o profundo respeito pela pessoa do aluno, conforme a expressão consagrada no glossário jesuíta: *alumnorum cura personalista*¹³². Os jesuítas se mostram *avessos a uma educação de massa ou a uma formação de grupo*¹³³, afirmava Kolvenbach, e também a uma educação individualista ou narcisista. A diversidade de talentos dos alunos é uma riqueza a ser tomada em conta na organização dos estudos, assim como o modo e ritmo de sua aprendizagem. Por isso, a escola tratará de ser fiel ao princípio da personalização, da flexibilidade e da adequação às condições de tempo, lugar e pessoa¹³⁴.

130. Inácio de Loyola, *Exercícios Espirituais*. Op. Cit., n.2

131. Ibid. n.206.

132. *Este termo o encontramos por primeira vez na instrução do Superior Geral Vladimir Ledóchowski sobre as universidades e colégios da Assistência Jesuíta da América (15/08/1934, Art.7, n.2): Personalis alumnorum cura. E na ‘Instructio revisada pelo P. Geral Jean-Baptiste Janssens (27/09/1948)’ (Pérez Rubio, Segundo Rafael. Ayudar a cuidar de las animas. Una pedagogia de la cura personalis en perspectiva ignaciana. Tese de Licenciatura defendida a 26/07/2019 na Pontificia Universidad de Comillas, Espanha).*

133. Peter-Hans Kolvenbach, *Educar homens e mulheres no espírito de Santo Inácio*. (Toulouse: 26/11/1996).

134. Ibid., *A Pedagogia Inaciana Hoje*. Op. Cit., n.139.

O conhecimento não procede de adestramento, de doutrinação, da imposição do professor sobre o aluno, mas é fruto do empenho deste através de intensa atividade pessoal, esforçada e perseverante, de pesquisa, de reflexão crítica e de muitos exercícios de repetição. Kolvenbach esclarecia que *a Pedagogia Inaciana acredita no valor das repetições... O educador não é encorajado a se repetir, mas – segundo a etimologia da palavra – a buscar de novo com o aluno o essencial daquilo de que ele deve se apropriar, desfolhando o accidental, fazendo descobrir sob uma nova luz muitos outros aspectos de uma mesma realidade para extrair-lhe a essência. De certa maneira a repetição permite o acesso ao ‘multum’ através da retomada de ‘multa’*¹³⁵.

Da mesma forma atua o exercitante nos Exercícios Espirituais. *Inácio bem sabia, recordava Kolvenbach, da tendência de todo professor, quer ensine a oração quer história ou ciências, de expor largamente os próprios pontos de vista sobre a matéria de que trata. Dava-se perfeita conta de que não há aprendizagem sem a atividade intelectual própria de quem deve aprender. Por isso, consideram-se tão importantes as atividades em numerosas áreas e no estudo*¹³⁶.

Para desencadear e orientar a trajetória de construção do conhecimento, o professor recorre à consagrada técnica da *Ratio Studiorum*, a *preleção*¹³⁷. Ao professor já não cabe montar a ‘lectio’, a aula magistral, mas a ‘prae-lectio’, uma apresentação preliminar geral, motivadora e orientadora do estudo pessoal do aluno. Esse procedimento flui dos Exercícios Espirituais, como explicava Kolvenbach: *É bastante impressionante constatar como nos Exercícios Espirituais o pregador deve se contentar com algumas indicações a fim de que o exercitante possa ele mesmo rezar os mistérios da vida do Cristo, e como segundo a Ratio o mestre deve se contentar com o essencial para estimular assim a atividade pessoal do aluno*¹³⁸.

7.3 Dinâmica da aprendizagem

No desenrolar do seu trabalho, o aluno se compromete integralmente, aplicando a sua imaginação, dando-se conta dos seus sentimentos, sintonizando a sua vontade, engajando o entendimento. *Pois*

135. Ibid., *Educar homens e mulheres no espírito de Santo Inácio*. Op. Cit.

136. Ibid., *A Pedagogia Inaciana Hoje*. Op. Cit., n.147.

137. Ibid. n.145.

138. Ibid., *Educar homens e mulheres no espírito de Santo Inácio*. Op. Cit.

a pedagogia de Inácio, recordava Kolvenbach, *está centrada na formação da pessoa, coração, inteligência e vontade, não exclusivamente do entendimento*¹³⁹.

Visto que o determinante na educação jesuíta *não é simplesmente o domínio de proposições, fórmulas, filosofias, etc.*, mas as obras de serviço comprometido aos demais, Kolvenbach recordava as duas linhas básicas do Paradigma Pedagógico Inaciano que ele havia promulgado: a *experiência* e a *reflexão*. O aluno trabalha sobre o conhecimento não de um modo mecânico ou rotineiro, mas engajado e comprometido afetivamente. Por isso, são-lhe oferecidas oportunidades de conscientização, contato e serviço, uma vez que a *solidariedade se aprende por meio de ‘contatos’, mais do que de ‘conceitos’*¹⁴⁰. *Quando o coração é tocado pela experiência direta*, disse Kolvenbach na Universidade de Santa Clara, *a mente pode ser desafiada a mudar*¹⁴¹.

7.4 Em busca da profundidade

Como o processo educativo deve desembocar na ação, o conhecimento que vai sendo construído é submetido a um rigoroso processo de reflexão e discernimento, que devem ser ensinados e praticados em ordem a descobrir o significado, os valores e as implicações daquilo que se aprende¹⁴².

Em vários pronunciamentos o P. Nicolás alertou os educadores de colégios e de universidades quanto à globalização da superficialidade como o grande perigo da contemporaneidade, pois face à abundância de informação disponível não se sabe como atingir a verdade. Superficialidade em suas diversas formas, *de pensamento, de visão de sonhos, de relações, de convicções*¹⁴³. Aos educadores, em Manila, Nicolás desabafava: *Quando olho em volta e percebo quanto fundamentalismo e fanatismo prevalecem no mundo, e os sofrimentos que causa a falta de rigor no pensamento, pergunto-me se não deveríamos empenhar-nos em buscar com maior criatividade o modo de assegurar que nossos estudantes aprendam a pensar*

139. Ibid., *A Pedagogia Inaciana Hoje*. Op. Cit., n.153.

140. Ibid., *El servicio de la fe y la promoción de la justicia en la educación universitaria de la Compañía de Jesús de Estados Unidos*. (Universidad de Santa Clara: 06/10/2000).

141. Ibid.

142. Ibid., *A Pedagogia Inaciana Hoje...* Op. Cit., n.135, 236.

143. Adolfo Nicolás, *Profundidad, universalidad y ministerio intelectual: Retos a la educación superior jesuita hoy* (Encuentro mundial de rectores de universidades jesuitas (México: 23/04/2010).

em profundidade¹⁴⁴. Por isso, propunha o esforço pela profundidade nos estudos, o que supõe não só ler, mas comprovar, cotejar, reflexionar, criticar, etc., o que vai contra o copiar e colar que é a tentação de todo estudante¹⁴⁵. Para a consigna de Santo Inácio *non multa sed multum*, Nicolás sugeriria uma paráfrase: *não quantidade, mas profundidade!*¹⁴⁶

O P. Nicolás estimulava os educadores a se perguntarem: *Como que profundidade respondemos às necessidades de nossos estudantes? Como respondemos à fome profunda de encontrar sentido em suas vidas, de encontrar força e razão para esperar, em suma, o que o Reino de Deus pode trazer para as suas vidas? Como podemos ajudar-lhes a olhar com mais profundidade o mundo real que se esconde detrás do virtual? Como ensinar-lhes a esquadriñar essas páginas de falsas promessas, de tal modo que sejam capazes de contemplar o rosto dos pobres e se sintam movidos a servi-los com compaixão? Com que profundidade os convidamos a pensar?*¹⁴⁷.

7.5 Magis e excelência

O horizonte pretendido no trabalho educativo é a excelência, como condição de eficácia. É preciso repetir uma e muitas vezes, advertia o P. Arrupe, *que não se tolere nos nossos colégios nem um nível baixo de estudos nem uma educação medíocre. Seria diminuir e talvez até anular a sua eficácia apostólica*¹⁴⁸. A excelência não se restringe à qualidade dos prédios, das instalações e equipamentos, *mas ao que define propriamente um centro educativo e pelo que deve ser julgado: o seu produto, os homens que forma. Esta excelência consiste em que nossos alunos, sendo homens de princípios retos e bem assimilados, sejam ao mesmo tempo abertos aos sinais dos tempos, em sintonia com a cultura e problemas do seu meio, e homens a serviço dos outros*¹⁴⁹.

O motor da excelência é o dinamismo do ‘magis’, que significa a melhor resposta que o processo educativo pode dar ao amor recebido

144. Ibid., *Discurso en el 150º aniversario de la educación jesuíta en Filipinas*. Op. Cit.

145. Ibid., *La educación en la Compañía de Jesús*. Op. Cit.

146. Ibid., *Discurso en el 150º aniversario de la educación jesuíta en Filipinas*. Op. Cit.

147. Ibid.

148. Pedro Arrupe, *Carta aos Padres dos colégios de França*. Op. Cit.

149. Ibid., *Nossos colégios hoje e amanhã*. Op. Cit., n.9.

de Deus¹⁵⁰. O verdadeiro sentido do ‘magis’, esclarecia Kolvenbach, é excluir toda aquisição passiva, toda complacência com um sistema educativo que favorecesse a inércia e a preguiça... Contentar-se com uma memorização mecânica, ficar apenas nos procedimentos mnemotécnicos para passar nas provas: atitudes incompatíveis com o ‘magis’, uma vez que elas poderiam facilmente impedir a mobilização de toda a pessoa¹⁵¹.

A Pedagogia Inaciana reconhece ser seu dever buscar a qualidade, a competitividade e a eficiência, sob o risco de permanecer defasada do mundo contemporâneo. No entanto, esses conceitos tendem a ser enganosos, advertia Kolvenbach, porque podem levar a uma exacerbação do individualismo, à competitividade selvagem e inclusive à corrupção, se não vêm acompanhados de uma orientação ética e valórica. A própria excelência que deve pretender nossa educação – o magis inaciano – pode chegar à perversão se perde de vista a dimensão da totalidade. Não é simplesmente a excelência acadêmica que se pretende, mas a excelência humana. Nicolás confessava o seu incômodo com traduzir ‘magis’ como ‘mais’, pois a cultura consumista facilmente poderia levar-nos a considerar que se tem ‘mais’ prêmios, uma posição ‘mais’ alta nos ranking, ‘mais’ computadores, ou ‘mais’ campos de esportes, ‘mais’ professores com altos diplomas acadêmicos, etc.

Considerando que o discurso da qualidade nem sempre pode coincidir com o de ‘magis’, Kolvenbach propôs o termo ‘excelência humana’, que é abrangente, integral¹⁵². Nicolás preferia traduzir ‘magis’ por *profundidade*¹⁵³. E ainda: ‘magis’ não necessariamente significa êxito, mas é magis de Cristo, é magis de pessoa, é magis de serviço, de entrega, de responsabilidade¹⁵⁴. O que a Pedagogia Inaciana tem como inegociável é a educação do ser humano para servir os demais.

150. *Magis* é um conceito fundamental na espiritualidade inaciana e na pedagogia dos jesuítas, dela decorrente. Procede da consideração inicial dos *Exercícios Espirituais*, denominada *Princípio e Fundamento*. Segundo Arzubialde: o ‘mais’ é da docilidade à vontade divina, assim como o mais da relação positiva do homem com as coisas, é o horizonte inesgotável de liberdade, e o chamado à comunhão com um Deus sempre Maior. A expressão fundamenta-se também na meditação do chamado de Jesus Cristo Rei, conforme a nota n.55 do documento *Características*. Cfr. Luiz Fernando Klein, *Atualidade da Pedagogia Jesuítica*. Op. Cit., nota 15, 65.

151. Peter-Hans Kolvenbach, *Educar homens e mulheres hoje no espírito de Santo Inácio*. Op. Cit.

152. Ibid., *El compromiso de la Compañía de Jesús en el sector de educación*. Op. Cit.

153. Adolfo Nicolás, *Discurso en el 43º Congreso Internacional de la Federación Internacional de Fe y Alegría*, (Cochabamba, Bolívia, noviembre de 2012).

154. Ibid., *La educación en la Compañía de Jesús*. Op. Cit.

Mas, em definitiva, a validação da instituição educativa jesuíta, concluía Kolvenbach, *não é o que dela se diz, mas a vida que seus alunos levam*¹⁵⁵.

7.6 *Apostolado Intelectual*

Para atingir a excelência integral o P. Arturo Sosa sublinha a necessidade de os educadores se tornarem intelectuais em todos os campos do saber. Trata-se de um postulado para os educadores dos diversos níveis de educação e para todos os serviços prestados pela Companhia de Jesus. O apostolado intelectual *é exercido por pessoas que refletem seriamente sobre o que estão fazendo, que se aprofundam no conhecimento da sua realidade imediata, que se preocupam em compreendê-la... E que, finalmente, são capazes de produzir uma palavra com densidade, com significado, sobre essa realidade e que possa incidir de fato na transformação da própria realidade*¹⁵⁶. A dimensão intelectual, entendida desta maneira, vai permitir *entender o mundo e seus desafios para proclamar a Boa Nova de modo pertinente, atraente e transformador*¹⁵⁷. Sosa reconhece que a profundidade não brota espontaneamente, mas requer esforço e dedicação, sensibilidade pelas situações das pessoas e olhar abrangente sobre os processos da humanidade¹⁵⁸.

7.7 *A força do testemunho*

Dentre os fatores de aprendizagem, Arrupe e Kolvenbach enfatizaram, muitas vezes, o exemplo e o testemunho do educador. Consideravam-no um elemento didático procedente da própria experiência de Inácio que se deixava interpelar pela vida de Cristo e dos santos que lia durante a convalescença em Loyola. A *Ratio Studiorum* incentivava os alunos ao exercício da emulação dos autores consagrados, e dos educadores e colegas na escola¹⁵⁹.

155. Peter-Hans Kolvenbach, *A Pedagogia Inaciana Hoje*. Op. Cit., n.156.

156. Arturo Sosa, *A Educação jesuíta hoje*. Op. Cit.

157. Ibid., *A educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus* (Rio de Janeiro, 20/10/2017).

158. Ibid., *A universidade fonte de vida reconciliada*. Op. Cit.

159. Margarida Miranda, *Ratio Studiorum da Companhia de Jesus. Regime Escolar e Plano de Estudos*. Braga, Portugal, Axioma, 2018.

Kolvenbach recordava o preâmbulo da Parte IV das Constituições dos Jesuítas que antepõe o exemplo pessoal do professor à sua ciência e préstimo oratório. Lembrava também o Papa Paulo VI que na *Evangelização no mundo contemporâneo* dizia que *os estudantes de hoje não escutam atentamente os professores, mas as testemunhas e, se prestam atenção aos professores, é porque dão testemunho*¹⁶⁰. Nicolás acrescentaria que para levar adiante uma educação como a inaciana, só por *educadores de vocação, não de emprego, pois a educação, como a medicina, o sacerdócio, são serviços que requerem vocação*¹⁶¹.

8. Reconfiguração do centro educativo

8.1 Comunidade Educativa

Uma das contribuições marcantes do magistério educativo do P. Arrupe foi a sua proposta de redesenho da Comunidade Educativa, apresentada no simpósio sobre o Ensino Médio, em Roma (13/09/1980). O grupo de jesuítas e um leigo havia sido convocado para repensar a presença educativa da Companhia no mundo contemporâneo e, ao final, declarou a conveniência de se permanecer nesse campo apostólico, sob a condição ineludível de retomar as fontes inacianas que o inspiraram¹⁶².

No encerramento dessa reunião, Arrupe descreveu a configuração escolar de modo tão original e inédito, que com razão se pode denominá-lo refundador dos colégios jesuítas¹⁶³.

Arrupe reafirmava que o colégio jesuíta é um instrumento de apostolado *para uma missão tão concreta e de natureza tão manifestamente espiritual que há de ser movido pela causa principal que é Deus*¹⁶⁴. Dessa premissa devem decorrer os critérios para a Companhia assumir um centro educativo: discernimento inaciano, universalidade (educar a todos, sem distinção), não discriminação econômica, qualidade

160. Peter-Hans Kolvenbach, *A Pedagogia Inaciana Hoje...* Op. Cit., n.142 e 143.

161. Adolfo Nicolás, *La educación en la Compañía de Jesús*. Op. Cit.

162. Pedro Arrupe, *Nossos colégios hoje e amanhã*. Op. Cit.

163. Luiz Fernando Klein, *Atualidade da Pedagogia Jesuítica*. Op. Cit., 52.

164. Pedro Arrupe, *Nossos colégios hoje e amanhã*. Op. Cit., n.4.

educativa e ‘inacianidade’¹⁶⁵.

Desde a *Ratio Studiorum*, o foco, praticamente exclusivo de todas as atenções dos centros educativos, sempre foram os alunos. Passam agora a ser componentes dos centros educativos jesuítas, os colaboradores leigos, os alunos, as famílias e os antigos alunos¹⁶⁶.

8.2 Os diversos componentes

Os jesuítas são os que receberam a missão educativa, constituindo-se o núcleo inspirador, formador e aglutinador de toda a comunidade¹⁶⁷. Partilham com os colaboradores a visão e a herança espiritual e apostólica inaciana, não só de modo formal ou verbal, mas através do testemunho de união e de trabalho perseverante, do ministério sacerdotal, da qualidade das relações humanas. Desta forma, os colaboradores leigos poderão assumir a missão e exercitar a liderança na gestão da obra¹⁶⁸. Kolvenbach foi incisivo quanto a este ponto da formação, afirmando que *nenhum jesuíta pode legitimamente excusar-se desta responsabilidade apostólica coletiva, reduzindo-se às pequenas ocupações do seu próprio trabalho académico*¹⁶⁹.

Os colaboradores leigos são membros importantíssimos da comunidade educativa e a Companhia passou por uma notável evolução a seu respeito, reconhecia Arrupe. Anteriormente, os leigos eram admitidos com certa cautela nos colégios, a fim de suprir a carência de jesuítas, mas a partir do Concílio Vaticano II, que considerou a dignidade e a missão do leigo, passaram a ser agentes multiplicadores do trabalho educativo. Um duplo aprendizado se estabelece: os jesuítas aprendem dos leigos o seu carisma e estes recebem dos jesuítas os elementos propriamente inacianos. Não se trata de que uns poucos jesuítas convençam os leigos a atuarem como jesuítas, mas deixar que eles manifestem as suas próprias perspectivas¹⁷⁰.

165. Ibid. n.5 a 10.

166. Ibid. n.15 a 24.

167. Ibid. n.16 a 19.

168. Peter-Hans Kolvenbach, *Características actuales de la Educación de la Compañía de Jesús*. Op. Cit.

169. Ibid., *Características de nuestra educación. A la asamblea de Enseñanza Superior de la Compañía de Jesús en los Estados Unidos*. Op. Cit.

170. Pedro Arrupe, *Nossos colégios hoje e amanhã*. Op. Cit., n.20.

Arrupe esclarecia que a diversidade religiosa dos colaboradores não é obstáculo para o aprendizado mútuo: *Mesmo quando não sejam cristãos – como necessariamente deverá ocorrer em muitos países – poderemos aprender deles, e fazê-los proporcionalmente participantes dos valores universais da nossa missão. Mas adverte: Porém, alguém refratário definitivamente à nossa visão do homem e dos valores evangélicos, não seria apto para educador num colégio de ensino secundário da Companhia, por muito relevantes que fossem as suas qualidades acadêmicas e docentes*¹⁷¹.

As famílias dos alunos devem ser oferecidos um cuidadoso acompanhamento e programas para conhecerem e se apropriarem da concepção educativa inaciana, uma vez que lhes cabe primeiramente a educação dos filhos. Mais que isso, como a proposta educativa inaciana contradiz, muitas vezes, os valores propostos pelo mercado e os elementos estimuladores da dissolução das famílias, cabe ao colégio ser fator de união entre pais e filhos¹⁷².

Os Antigos Alunos já não mantêm laços formais com a Companhia, mas esta, por considerar a educação como vitalícia e permanente, continua sentindo a responsabilidade por eles, embora extrapole suas forças. Ainda há muito a oferecer aos Antigos Alunos e muita colaboração a receber deles¹⁷³. *Agora vocês são conosco*, dizia-lhes Arrupe, *atuais alunos e discípulos do Senhor Jesus, homens que querem discernir sua vontade para os tempos atuais. Não lhes falo, portanto como padre, mas como simples companheiro. Somos todos companheiros de colégio, que juntos tentamos escutar o Senhor, sentados nos mesmos bancos*¹⁷⁴.

Os alunos são o elemento central e principal componente da comunidade educativa. Também com eles os adultos têm muito que aprender: as virtudes de sua faixa etária, a civilização na qual se movem e os traços do futuro que vislumbram. Por isso, afirmava Arrupe, é impossível educar um jovem mantendo excessiva distância, estando habitualmente ausente de seu *campus*, num asséptico isolamento...¹⁷⁵. Sem uma relação de amizade, personalizada e autêntica, alertaria Kolvenbach, o processo educativo perderia a influência desejada¹⁷⁶.

171. Ibid. n.21.

172. Ibid. n.22.

173. Ibid. n.23.

174. Ibid., *Hombres y mujeres para los demás*. Op. Cit., In CVPI.

175. Ibid., *Nossos Colégios Hoje e Amanhã*. Op. Cit. n.24.

176. Peter-Hans Kolvenbach, *A Pedagogia Inaciana Hoje*. Op. Cit., n.142.

9. Gestão participativa e discernida

9.1 Co-responsabilidade

Desde que, graças ao P. Arrupe, o centro educativo passou a se compreender como Comunidade Educativa, cresceu o sentido de co-responsabilidade institucional. Os colaboradores, à medida que assimilam o patrimônio inaciano vão assumindo maiores responsabilidades. A sua integração, como explicava Arrupe é mais do que mera co-gestão, a qual dou por suposta. Trata-se de confiar aos colaboradores capazes, devidamente preparados, com plena confiança, não só cargos administrativos e de gerência, mas campos de autêntica responsabilidade educativa, até os seus níveis mais altos, inclusive o da direção do centro, quando for necessário ou conveniente, conservando nós o papel essencial de animação e inspiração do qual eu falava anteriormente¹⁷⁷.

Face ao novo panorama institucional, cabe aos jesuítas concentrarem-se na animação e inspiração da Comunidade Educativa, exercendo, como dizia o P. Kolvenbach, a sua autoridade e não o poder¹⁷⁸.

9.2 Discernir para decidir

O estilo habitual de gestão e a forma de tomar decisões, lembra Sosa, deve ser mediante o discernimento em comum. É uma característica essencial do modo de proceder da Companhia que a acompanha desde os seus inícios e tem sido enfatizada pelas recentes Congregações e Superiores Gerais¹⁷⁹.

Fundamento do discernimento em comum é a convicção de que Deus não apenas contempla a história, mas atua nela, comunicando-se diretamente às pessoas. Por isso, o discernimento permite entrar em contato com a fonte da vida que se pretende transmitir, a graduar os sonhos de um mundo melhor e a orientar o planejamento e utilização dos recursos¹⁸⁰. *Atender os movimentos espirituais*, explica Sosa, *significa ir além dos argumentos racionais. A tentação mais comum é permanecermos nestes,*

177. Arrupe, *Nossos Colégios Hoje e Amanhã*. Op. Cit., n.22.

178. *Ibid.* n.24.

179. Arturo Sosa, *A educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. Op. Cit.

180. *Ibid.*, *A universidade fonte de vida reconciliada*. Op.cit.

*esquecendo-nos dos outros, ou não lhes dando a atenção que merecem*¹⁸¹.

Na visita que fez à Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, Brasil, em outubro de 2017, o P. Geral deixou um roteiro preciso sobre a prática, o funcionamento do discernimento em comum. Trata-se de um procedimento com características próprias para a sua preparação, para o decorrer da sua realização e para o encaminhamento das suas conclusões.

Na gestão dos centros educativos jesuítas, os dirigentes hão de ter em conta que o discernimento em comum se torna condição indispensável para o planeamento apostólico. Esse binômio, segundo P. Sosa, *assegura que as decisões sejam tomadas à luz da experiência de Deus e que estas são postas em prática de um modo que realize a vontade de Deus com eficiência evangélica*¹⁸².

10. Irradiação apostólica

10.1 Abertura ‘ad extra’

Um traço indispensável do colégio jesuíta, enfatizado diversas vezes por Arrupe, é o da irradiação apostólica. Dados a mística e o vigor da proposta inaciana que carrega, nenhum colégio pode atuar apenas ‘intra muros’, mas deve referir-se ao entorno, abrir-se à sociedade, associar-se a outros atores educativos. O colégio é uma *plataforma apostólica*, de modo que *a paróquia, ou o hospital, ou a prisão, ou a emissora, ou o centro social ou assistencial que está próximo, no bairro, etc. são outros tantos pontos em que os nossos jesuítas e os alunos, dirigidos por nós, devem desenvolver algum tipo de apostolado*¹⁸³. Por isso, há que se combater o isolamento, consciente ou não, pois *somos Igreja Católica, somos Companhia de Jesus, justificava Arrupe*¹⁸⁴.

O colégio tem à frente, prosseguia o P. Arrupe, um *papel decisivo na localidade onde se encontra. Deve desempenhá-lo com audácia e imensa confiança, enfrentando sem receio os problemas do seu tempo e dispondo-se*

181. Ibid., *Discernimiento y Planificación (Discurso na UNISINOS, São Leopoldo, Brasil, a 27/10/17)*. In: CVPI

182. Ibid.

183. Pedro Arrupe, *Nossos Colégios Hoje e Amanhã*. Op. Cit., n.26.

184. Ibid. n.25.

*a todas as reformas, mesmo as mais profundas, no sentido de nada se perder da sua irradiação apostólica*¹⁸⁵. O colégio deixa de se ocupar apenas com a sua programação rotineira e lança-se além, tratando de *formar uma frente unida com as demais instituições docentes da Igreja, e participar das organizações que os agrupam em todo nível: profissional, sindical, apostólico*¹⁸⁶. Arrupe apresentou outros elementos da irradiação apostólica do colégio, ao perguntar se não se poderia *fazer algo mais do que se faz*: ceder as instalações, nos tempos ociosos, para cursos noturnos, treinamentos, promoção humana, etc.¹⁸⁷.

10.2 Fronteiras a transpor

O tema das fronteiras apostólicas Nicolás o abordou várias vezes, porque na 35ª Congregação Geral o Papa Bento XVI havia exortado os jesuítas a irem aos lugares aonde outros não vão ou não sabem como atuar. Uma das fronteiras que o P. Geral assinalava é a fronteira da universalidade, *no sentido inaciano de amplitude de pertença e largura de preocupações e responsabilidade*¹⁸⁸.

A Educação Pública seria uma nova fronteira que o P. Nicolás apresentava à consideração da Companhia. Ele defendia que se estamos comprometidos num colégio, é para servir não apenas o seu alunado, mas a todo o país, porque *temos uma responsabilidade mais ampla do que a da instituição onde trabalhamos. Eu estaria totalmente de acordo em dizer que trabalhamos neste colégio, mas o nosso objetivo último é ajudar a educação deste país*¹⁸⁹.

Nicolás perguntava se pelo resultado do tempo que os alunos estiveram no colégio jesuíta: *os alunos saem com um sentido de responsabilidade mais ampla do que o que reina nas suas famílias, classe ou clã?*¹⁹⁰. Uma iniciativa que propunha é associar à ação apostólica do colégio aos diversos segmentos da Comunidade Educativa e da vizinhança.

Ao apresentar o seu informe sobre a Companhia aos membros

185. Ibid., *Carta aos Padres dos colégios de França reunidos em Amiens*. Op. Cit., 13.

186. Ibid., *Nossos colégios hoje e amanhã*, Op. Cit., n.25.

187. Ibid. n.26.

188. Adolfo Nicolás, *Discurso en el 150º aniversario de la educación jesuítas en Filipinas*. Universidad. Op. Cit.

189. Ibid., *Notas de la conferencia en el encuentro con los Directivos de los colegios ACSI, OSCASI, AUSJAL, CEP y CERPE*. Op. Cit.

190. Ibid., *Discurso en el 150º aniversario de la educación jesuítas en Filipinas*. Op. Cit.

da Congregação dos Procuradores (Roma, 15/10/1970), Arrupe havia manifestado o seu desejo: *não convém que a nossa atividade educativa fique restrita aos nossos próprios centros, mas que, quanto possível, possamos realizá-la em outro, nos chamados colégios oficiais ou nacionais e nos centros privados, de tal modo que a verdade de nossa fé se estenda ao maior número possível de jovens alunos*¹⁹¹.

10.3 Incidência política pela educação

O colégio jesuíta deve exercer a sua irradiação apostólica de um modo ainda mais ousado, procurando oferecer as condições educativas a todos, a começar pelos mais pobres, em lugar de restringir-se ao seu alunado. *Porque temos de nos convencer, dizia Arrupe, que a educação dos mais despojados e marginalizados é responsabilidade de toda a sociedade, isto é, de todos e cada um de nós, já que estamos diante da demanda de um dos direitos humanos do homem e da triste realidade de que grande parte da humanidade ainda não goza desse direito.* No entanto, frente aos graves problemas educativos dos países, a escola não é suficiente, sendo necessário inovar outras formas de educação, não formal, não escolarizada, que atendam crianças, jovens e adultos¹⁹².

Num mundo globalizado com tão diversas culturas, visões e posições a irradiação apostólica dos centros educativos só será possível se estimulada por uma comunidade coesa na sua identidade. Nicolás recordava a afirmação da 35ª Congregação Geral de que a comunidade deve considerar a missão como a sua identidade, não apenas como a sua meta. *A única maneira de inspirar, dizia ele, é que sejamos capazes de ir além de nosso próprio querer e interesse, como dizia Santo Inácio, para participar com os outros na criação de um mundo novo*¹⁹³.

O P. Sosa destacou a trajetória de 60 anos de Fé e Alegria em prol da Justiça Educativa e esclareceu que *ela não é uma multinacional da educação, mas uma rede de processos socioeducativos transformadores e de qualidade com e para os seus locais. A sua missão não é fazer escolas, como fim último, mas transformar com a educação as estruturas sociais.* Destacou

191. Pedro Arrupe, *Discurso a los miembros de la Congregación de Procuradores – 05/10/1970*. In: *La identidad del jesuita*. Santander, Ed. Sal Terrae, 1981, 185.

192. *Ibid.*, *La educación es obra de colaboración*. Op. Cit., 205.

193. Adolfo Nicolás, *Notas de la conferencia en el encuentro con los Directivos de los colegios ACSJ, OSCASI, AUSJAL, CEP y CERPE*. Op. Cit.

sete notas constitutivas do movimento: 1) Horizonte: a transformação pessoal e social; 2) Intencionalidade política; 3) Educação formal, cidadã e de promoção social; 4) Trabalho com e na comunidade; 5) Compromisso com a transformação das estruturas; 6) Educação que fundamenta a mudança; 7) Mensageira de confiança no futuro¹⁹⁴.

A urgência para oferecer a educação aos mais pobres levou Arrupe a ser incisivo com os Antigos Alunos: *Se os endinheirados da sociedade latino-americana não estão interessados, junto com os Estados dos diferentes países, para a solução dos graves problemas educacionais de seus países, eles só favorecerão, irremediavelmente, o clima de crise moral, religiosa, social e política. Todo cristão que desconsidera as graves desigualdades educacionais dos homens de hoje esqueceu o verdadeiro significado do chamado que o Evangelho faz à sua consciência*¹⁹⁵.

A incidência social e a contribuição para a formulação das políticas públicas de cunho educativo, econômico e social são aspectos importantes do trabalho educativo da Companhia, sublinha Arturo Sosa¹⁹⁶. Fé e Alegria ouviu o pedido incisivo do P. Geral: *Ajudem-nos... na defesa e consecução da educação para todos e todas*. Ajudar a Companhia a unir-se a entidades dentro e fora da Igreja para defender e promover a educação inclusiva, através da incidência em políticas públicas; da busca de apoio de organismos governamentais, eclesiais e da sociedade civil; e da articulação com outros atores, visando a transformação da escola pública. Que os agentes de Fé e Alegria *não deixem de levantar a sua voz desde as fronteiras da exclusão, de maneira profética, e sem perder a sua independência, não renunciar à denúncia quando ela seja necessária*¹⁹⁷.

11. Urgência da renovação pedagógica

11.1 Mundo cambiante

Para objetivos tão ousados, como a Companhia de Jesus pretende alcançar mediante suas instituições educativas, Arrupe insistia na urgência da mudança, de renovação pedagógica. Preocupava-o, antes de tudo, a coerência entre a meta, em certo sentido contracultural, de

194. Arturo Sosa, *Educamos nas fronteiras*. Op. Cit.

195. Pedro Arrupe, *La Educación es obra de colaboración*. Op. Cit., 206.

196. Arturo Sosa, *A Educação jesuíta hoje*. Op. Cit.

197. *Ibid.*, *Educamos nas fronteiras*. Op. Cit.

formar homens promotores de justiça, servidores dos demais, com as implicações pedagógicas na escola e na sala de aula, porque *isso tem que influir em nossos métodos pedagógicos, nos conteúdos formativos, nas atividades paraescolares*¹⁹⁸.

Em suas alocuções, Arrupe não detalhou procedimentos pedagógicos inovadores, mas referiu-se aos critérios de personalização, da experiência e do contato com a realidade, sobretudo quando se trata da aprendizagem para a justiça, mediante o conhecimento do mundo dos injustiçados, dos pobres. Por isso dizia: *Não podemos ensinar e educar com métodos que as pessoas são incapazes de captar. Insistimos na inserção na realidade, também devemos ajudar os alunos a experimentar a realidade circundante... Um aspecto bem definido da nossa pedagogia deve ser esta experiência*¹⁹⁹.

Num mundo em acelerada e imprevisível mudança, onde *as conquistas científicas impuseram um 'novo modo de ser' ao homem moderno, somos conscientes de que se abrem as portas a uma nova era da humanidade*²⁰⁰. O processo educativo não pode permanecer circunscrito ao tempo de escola, mas deve ser aberto, contínuo, duradouro. Daí, concluía Arrupe, *mais, talvez, que a formação que lhe damos [ao aluno], vale a capacidade e a ânsia de uma continuada formação que lhe saibamos inculcar. Aprender é importante, mais importante, porém, é aprender a aprender e desejar prosseguir aprendendo*²⁰¹. Esse entendimento da vitaliciedade da educação motivará, também, o trabalho com as famílias dos alunos e com os antigos alunos.

Já na década de 70, Arrupe pressentia o impacto da cultura tecnológica e do uso dos modernos meios de comunicação na educação, e alertava os educadores a terem em conta que *a revolução que a imprensa sonhou nos albores do renascimento é brincadeira de criança comparada com a revolução das modernas tecnologias*²⁰². Neste particular, desabafou, *talvez tenhamos de dizer 'mea culpa' ao examinar se ficamos atrasados na atual evolução do mundo*²⁰³.

198. Pedro Arrupe, *Nossos colégios hoje e amanhã*. Op. Cit. n.12 e 13.

199. Ibid., *Reflexões sobre os colégios*. In: Pedro Arrupe, *Um Projecto de Educação*, Op. Cit., 177.

200. Ibid., *Sentido y misión de las universidades de la Compañía (Deusto, mayo de 1970)*. In: *Escala en España*, Madrid, Editorial Apostolado de la Prensa, 1971, p. 207.

201. Ibid., *Nossos colégios hoje e amanhã*. Op. Cit. n.13

202. Ibid. n.12.

203. Ibid., *Carta aos Padres dos colégios de França reunidos em Amiens*. Op. Cit., 15.

A respeito da expansão das novas tecnologias, Arturo Sosa pondera que além de fornecerem instrumentos importantes para a vida, elas estão configurando uma mudança de antropologia, um novo ser humano, outro modo de vida; *uma mudança do 'habitat' em que vivemos*²⁰⁴.

11.2 Exigência da missão

Arrupe foi bastante enfático, especialmente com os jesuítas encarregados da direção, pedindo-lhes uma análise criteriosa da realidade, a formação dos educadores jesuítas e leigos, a articulação com outros empreendedores da educação. Em vários auditórios recomendava: *A nossa missão de educadores não permite que nos contentemos com métodos que outrora foram excelentes*²⁰⁵. *Não podemos ensinar e educar com métodos que as pessoas são incapazes de captar*²⁰⁶. *Examinem com atenção as novas metodologias educativas, que melhor respondam às técnicas modernas e tendem a formar homens como exigem as circunstâncias do mundo de hoje*²⁰⁷.

A fim de não deixar dúvidas quanto às suas orientações, Arrupe afirmava aos jesuítas: *Ao mesmo tempo devo preveni-los do perigo da inércia. É indispensável que caiam na conta da mudança havida na Igreja e na Companhia e da necessidade de acompanhar-lhes o passo... Uma comunidade que é levada a julgar que seu colégio não necessita de mudança está ameaçando, a prazo fixo, a agonia do próprio colégio. É questão de uma geração. Por mais doloroso que seja, é mister podar a árvore para que recobre as forças. São indispensáveis a adaptação das estruturas e a formação permanente às novas condições*²⁰⁸.

No entanto, alguns educadores tendem a se eximir da renovação pedagógica, por isso Arturo Sosa alerta: *A Pedagogia Inaciana não é uma peça de museu, não quer sê-lo, mas é um risco que se torne uma peça de museu, como algo interessante, até certo ponto, para lembrar, mas que não toca o concreto da minha vida na aula ou o contato com cada um dos estudantes. Se essa tradição pedagógica não estiver viva, ela se torna tradicionalismo, conservadorismo, fossilização*²⁰⁹.

204. Arturo Sosa, *A Educação jesuíta hoje (La Paz, Colegio San Calixto: 18/07/2018)*.

205. *Ibid.* 13.

206. *Ibid.*, *Reflexões sobre os colégios*. Op. Cit., 177.

207. *Ibid.*, *Discurso a los miembros de la Congregación de Procuradores*. Op. Cit., 185.

208. *Ibid.*, *Nossos colégios hoje e amanhã*. Op. Cit., n.28.

209. *Ibid.*, *A Educação jesuíta hoje*. Op. Cit.

11.3 De qual mudança se trata?

O que se pretende não é mudar por mudar, por mera moda, para o centro educativo posar de moderno. Arturo Sosa mostra aos Delegados de Educação Jesuíta de toda a Companhia a necessidade da renovação como tarefa não conjuntural, mas permanente, como um passo necessário adiante, de rechaço da inércia institucional e de modelos tradicionais²¹⁰. Aos que tendiam a escorar-se no conceito de fidelidade à tradição, Sosa esclarece que *a autêntica fidelidade é a que se manifesta através de respostas inovadoras aos desafios do tempo presente... Significa responder criativamente aos sinais dos tempos*²¹¹. Anteriormente, Kolvenbach havia prevenido que *não se trata de reeditar o passado, e tampouco de importar modelos de outras partes, mas de responder com imaginação e criatividade aos desafios que o mundo de hoje, e esta sociedade concreta, apresentam à nossa educação*²¹².

Quando trata da renovação, o P. Sosa se refere a algo mais radical: não a mera melhora de práticas ou de técnicas pedagógicas, mas a invenção, *com imaginação e criatividade, sem medo*, de outro modelo educativo. É uma tarefa ambiciosa, em certo sentido «revolucionária» frente à inércia institucional. Por isso, para alentar os Delegados de Educação de toda a Companhia, reunidos em 2017 no Rio de Janeiro, o P. Geral recordou-lhes *que os primeiros jesuítas investiram tempo e recursos para criar um modelo educativo que, embora fosse eclético em seus componentes, unificava-se sob a visão inaciana do mundo*²¹³.

Para sublinhar a interpelação que fazia, o P. Geral não hesitou em recorrer ao exemplo de um ousado e radical modelo pedagógico, como a ‘Aula Invertida’. Dizia ele: *devemos ter a liberdade e a criatividade para explorar outros modelos, mesmo que sejam híbridos, como o ‘flip-flop’, ou colégios ‘on-line’, inclusive modelos pedagógicos e educacionais de fronteira que encarnem o magis hoje*²¹⁴.

O P. Sosa apresentou também aos Delegados de Educação seis desafios para as instituições educativas jesuíticas, não apenas para os

210. Ibid., *A educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. Op. Cit.

211. Ibid., *A universidade fonte de vida reconciliada*. Op. Cit.

212. Peter-Hans Kolvenbach, *El compromiso de la Compañía de Jesús en el sector de educación*. Op. Cit.

213. Arturo Sosa, *A educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. Op. Cit.

214. Ibid.

colégios. Inicialmente que sejam espaços de pesquisa pedagógica e *verdadeiros laboratórios de inovação didática, dos quais surjam novos métodos ou modelos formativos*. Isso obriga os educadores a pesquisarem experiências de outros e a cáirem na conta da mudança antropológica e cultural contemporânea. Em segundo lugar, é preciso avançar na educação para a justiça que implica: a) Proximidade com os pobres e marginalizados; b) Formação de consciência crítica sobre os processos sociais injustos; c) Atitude construtiva e dialogal para buscar soluções. O terceiro desafio é o cuidado com a Casa Comum que deve refletir-se na formação dos alunos, na união de esforços pela sustentabilidade, nas próprias práticas e na estrutura física do centro educativo. Em quarto lugar, trata-se de desenvolver a cultura de proteção imediata, efetiva e transparente dos menores e vulneráveis. O penúltimo desafio é oferecer uma formação religiosa e a espiritualidade inaciana em vista da dimensão transcendental da vida. Finalmente, o fomento da cidadania global, a partir da presença dos centros educativos em diversas culturas²¹⁵.

De igual modo, Sosa apresentou aos reitores das universidades dois principais desafios: a) Superar os limites geográficos e sociais, de modo que a universidade esteja aberta a todos; b) Promover a cultura da salvaguarda de pessoas vulneráveis, tocando nas estruturas de injustiça das atuais sociedades²¹⁶.

A Fé e Alegria, Arturo Sosa recomendou continuar alimentando o dinamismo interno e a responder de forma criativa aos desafios que surgem, indo um passo adiante da realidade que muda velozmente. *Há que evitar, disse, que as estruturas se tornem anquilosadas e rígidas, ou que a complexidade interna as torne pesadas e percam agilidade e dinamismo. Ajudem-nos a aprender com a sua experiência educativa, disse-lhes. É um tesouro a ser compartilhado com outras instituições da Companhia*²¹⁷.

12. Trabalho colaborativo e em redes

12.1 Importância da colaboração

Durante o seu generalato, o P. Arrupe incentivou os colégios jesuítas a desenvolverem um trabalho conjunto, colaborativo. Essa

215. Ibid.

216. Ibid., *A universidade fonte de vida reconciliada*. Op. Cit.

217. Ibid., *Educamos nas fronteiras. Fé e Alegria, movimento global*. Op. Cit.

sinergia devia ser praticada dentro do centro educativo, fora dos seus muros e com outras instâncias educativas do governo, da Igreja e da sociedade civil. Nesse tempo não era comum compreender o trabalho educativo como corpo nem como rede. *A razão principal para a abertura de nossos colégios e contato com outros*, justificava Arrupe, é a *necessidade de aprender e a obrigação de compartilhar, pois seria insensato presumir que nada temos a aprender*²¹⁸.

O P. Kolvenbach desenvolveu várias vezes o tema da colaboração com outros, sobretudo porque a 34ª Congregação Geral já o havia tratado²¹⁹. Há *certa vacilação e dúvida, quando não recusa à colaboração com o laicato*, confessava o P. Geral, mas a *Companhia considera hoje o companheirismo com outros como uma das características de nosso modo de proceder*²²⁰.

O P. Sosa retoma da 36ª Congregação Geral o tema da *colaboração com os outros* por ser o *único caminho, na verdade profundamente evangélico, com o qual a Companhia de Jesus pode realizar a sua missão hoje*²²¹. A ‘mínima Companhia’ é colaboradora de algo muito mais amplo que a ultrapassa. A colaboração é a marca da sua identidade. Sosa chega a propor ao Ensino Superior a criação de ‘comunidade universitária’ para ampliar e aprofundar a colaboração dentro das universidades, entre elas e com outras instâncias²²².

Da parte dos leigos há vários tipos de colaboração a oferecer à instituição educativa. O leigo pode ter a sua missão, que não será necessariamente a missão do jesuíta. Os leigos não são chamados a serem mini-jesuítas e tampouco devem ser rotulados pelo tipo de compromisso que assumem. *Respeitar o modo como o Senhor conduz cada pessoa é fundamental na espiritualidade inaciana* e cada colaborador *deve de algum modo, identificar-se com a missão institucional. Por outro lado, seria odioso catalogar e discriminar o pessoal de acordo com seu suposto nível de compromisso com a missão*²²³.

218. Pedro Arrupe, *Nossos colégios hoje e amanhã*. Op. Cit., n.25.

219. 34ª Congregação Geral, Decreto n. 13: *Colaboração com os leigos na missão*. S. Paulo, Ed. Loyola.

220. Peter-Hans Kolvenbach, *A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano*. Op. Cit. n.40.

221. Arturo Sosa, *A educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. Op. Cit.

222. Ibid., *A universidade fonte de vida reconciliada*. Op. Cit.

223. Peter-Hans Kolvenbach, *A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano*. Op. Cit., n.44.

Nicolás defendia que para assegurar a identidade inaciana dos centros educativos, quando cresce – felizmente, dizia – o número de leigos na sua direção, *o melhor é criar comunidades apostólicas... Para que não trabalhem cada um por sua conta, mas que formemos verdadeiramente uma equipe com uma visão clara, uma visão apostólica, uma visão de entrega, uma visão de crescimento e de transformação*²²⁴.

Kolvenbach sugeria aos educadores algumas práticas para incrementar o companheirismo na missão e na identidade: 1) Cursos de orientação ou imersão, 2) Programas de Formação Permanente, 3) Atenção à identidade das pessoas quando de sua contratação, 4) Exercícios Espirituais em diversas modalidades e 5) Influência pela presença, não pelo poder²²⁵.

A colaboração é indispensável para a formação dos alunos, para que eles não se percebam isolados na sua trajetória educativa, mas sim como *irmãos numa aldeia planetária, peregrinos na nave terrestre*. Embora a *Ratio Studiorum* contasse com alguns momentos de trabalho conjunto como nas disputas e academias²²⁶, Arrupe lamentava que *talvez no passado tenhamos realçado demasiado a realização individual*²²⁷.

É original e encorajadora a visão de Arrupe quando se dirige aos alunos como atores da colaboração e não apenas seus beneficiários: *Vocês podem ser os melhores colaboradores. Não se lhes pede uma submissão cega e passiva. Pelo contrário, a Comunidade Educativa necessita da colaboração responsável de vocês, da sensibilidade e da imaginação de jovens, das iniciativas e existências legítimas, mas não dos seus caprichos*²²⁸.

12.2 Colaboração entre as obras

Além da colaboração dos jesuítas com os leigos e com os alunos, e de todos, entre si, o P. Kolvenbach mostrava a importância da colaboração entre os ministérios apostólicos dos jesuítas e as suas obras apos-

224. Adolfo Nicolás, *Notas de la conferencia del P. Adolfo Nicolás en el encuentro con los Directivos de los colegios ACSI, OSCASI, AUSJAL, CEP y CERPE*. Op. Cit.

225. Peter-Hans Kolvenbach, *A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano*. Op. Cit., n.51.

226. Margarida Miranda, *Ratio Studiorum da Companhia de Jesus. Regime Escolar e Plano de Estudos*. Braga (Portugal), Axioma, 2018.

227. Pedro Arrupe, *Palestra ao grupo diretivo da Associação de Educação Secundária dos jesuítas dos Estados Unidos*. Op. Cit., 87.

228. *Ibid.*, *Homilia en el Colegio San Juan de Brito*. Op. Cit., 448.

tólicas. A colaboração não é um fim em si mesmo, mas procedimento valioso para a eficácia da missão. A razão dada é que a Companhia deve atuar como um corpo, não como um conglomerado de obras²²⁹. Foi enfática a sua advertência: *Nós, que temos recebido a missão de construir o Reino de Deus, não podemos permanecer em entusiasmos paroquiais ou locais. Peça-lhes que intensifiquem os seus esforços, inclusive nas áreas da pesquisa em colaboração, porque a necessidade é grande*²³⁰.

Os Padres Gerais ressaltaram que a colaboração se manifesta de modo peculiar no testemunho de cada um na Comunidade Educativa, porque *educar é obra de testemunhas e na educação a força do testemunho é absolutamente insubstituível*²³¹.

12.3 Rede Apostólica

P. Nicolás recordava que a partir da 35ª Congregação Geral, o enfoque colaborativo foi reforçado na Companhia com o conceito de rede apostólica. *Neste contexto global*, dizia o texto, é importante realçar o extraordinário potencial que possuímos enquanto corpo internacional e multicultural. Agir de forma consistente com este carácter pode, não só aumentar a eficácia apostólica do nosso trabalho, mas também, num mundo fragmentado e dividido, testemunhar a reconciliação de todos os filhos de Deus em solidariedade²³².

Nicolás sentia, especialmente por parte das universidades jesuítas, que só os intercâmbios e convênios bilaterais entre as instituições não eram suficientes face à globalização. Por isso, perguntava-lhes: *Não podemos ir além da relação próxima, mas autônoma que por ora mantemos como instituições e reimaginar e reorganizar-nos de tal maneira que, neste mundo globalizado, possamos levar a cabo mais eficazmente a 'universalidade' que tem sido sempre parte da visão que Inácio tinha da Companhia? Não é agora a ocasião de fazê-lo?*²³³.

229. Peter-Hans Kolvenbach, *Características actuales de la educación de la Compañía de Jesús*. Op. Cit.

230. Ibid., *Características de nuestra educación. A la asamblea de Enseñanza Superior de la Compañía de Jesús en los Estados Unidos*. Op. Cit., n.29.

231. Pedro Arrupe, *Homilia en el Colegio San Juan de Brito*. Op. Cit., n.447.

232. 35ª Congregação Geral, Decreto n.3. *Desafios para a nossa missão hoje. Enviados às fronteiras*, n.43.

233. Adolfo Nicolás, *Profundidad, universalidad y ministerio académico: Desafíos a la educación superior jesuita de hoy*. Op. Cit.

Proposta semelhante oferecia o P.Kolvenbach à Educação Superior, para enfrentar problemas globais comuns *através da mútua ajuda da informação, do planejamento e da avaliação partilhadas ou do desenvolvimento de projetos que superam a capacidade de cada instituição individualmente*²³⁴.

Aos colaboradores de Fé e Alegria Nicolás chegava a dizer que o trabalho em rede chega a ser uma proposta audaz porque tem em mira configurar o futuro, *não apenas de nossas instituições, mas do mundo... Estas irão dando-nos a cobertura e a permeabilidade indispensáveis para ir realizando que o 'bem quanto mais universal, seja tanto melhor'*²³⁵.

Seguindo o pensamento do P. Nicolás, o P. Sosa reforça a importância do *trabalho em rede, uma das intuições mais poderosas que temos vislumbrado nas últimas décadas e que se converteu numa dimensão central do nosso modo de proceder*. E prossegue: *somente se pensarmos e atuarmos de modo conjunto e coordenado, acolhendo e integrando a riqueza de nossas diversidades locais, poderemos, graças à rede, enfrentar desafios globais que afetam nossas condições locais*²³⁶. Ele sugere aos educadores a avançarem com toda a criatividade em considerar a colaboração na forma de redes, descrevendo suas principais características: a) fazem parte hoje do nosso modo de proceder; b) abrem horizontes inéditos de serviço, além dos costumeiros; c) mobilizam maiores recursos e possibilidades para a missão; d) requer a cultura da generosidade²³⁷.

P. Sosa dá um passo adiante quanto ao tema da colaboração ao incentivar os Delegados de Educação de toda a Companhia a criarem uma rede global de colégios, aberta a outras instituições apostólicas da Companhia, com uma agenda comum a serviço da reconciliação e da justiça. Sugere-lhes duas iniciativas concretas: a) Revigoração da

234. Peter-Hans Kolvenbach, *A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano*. Op. Cit., n.53. O sonho dos Padres Gerais concretizou-se dia 11 de julho de 2018, no Santuário de Loyola (Espanha), com a assinatura do P.Arturo Sosa, do P.Michael Garanzini, Secretário da Companhia de Jesus para a Educação Superior, e de cada representante das seis Conferências de Provinciais Jesuítas, à carta fundacional da IAJU, *International Association of Jesuit Universities* (<http://www.iaju.org>).

235. Adolfo Nicolás, *Discurso en el 43 Congreso Internacional de la Federación Internacional de Fe y Alegría*. Op. Cit.

236. Arturo Sosa, *A Educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. Op. Cit.

237. Arturo Sosa, *Educamos nas fronteiras. Fé e Alegria, movimento global*. Op. Cit.

plataforma eletrônica *Educate Magis*²³⁸, b) Consolidar uma cidadania global que cuide do planeta²³⁹.

No 47º Congresso Internacional de Fé e Alegria, em 2018, o P. Arturo Sosa ampliou ainda mais o conceito e a abrangência do trabalho em rede. Dizia que *Fé e Alegria, junto com o Serviço Jesuíta a Refugiados e as redes de colégios e universidades jesuítas, formam o coração do serviço educativo da Companhia de Jesus, de modo que é mais difícil compreendê-las separadamente e se torna mais clara a potencialidade transformadora de uma rede de redes de escolas e instituições educativas de todos os níveis que lutam pela transformação do mundo. Por isso, pedia a Fé e Alegria: Oxalá que a educação popular ajude a todas as obras educativas a formar pessoas conscientes, compassivas, competentes e comprometidas com a construção de um mundo novo*²⁴⁰.

No entanto, o P. Sosa sublinhava a tensão que a Companhia, e aí também Fé e Alegria, devem continuar enfrentando entre a inculturação em comunidades locais e a contribuição em âmbito universal. A tensão é inevitável, mas pode ser enriquecedora, para ambos os polos²⁴¹. O que desejamos, escreve o P. Sosa a toda a Companhia de Jesus, é integrar toda a nossa missão educativa, própria e associada, particular e pública, popular e tradicional, neste mesmo serviço e apoio mútuo²⁴².

Considerações finais

Salvo especificidades geográficas, culturais, ou de tipo apostólico, o que os Padres Gerais vêm proferindo a um determinado grupo de jesuítas e colaboradores adquire uma abrangência universal e pode se aplicar a todo o corpo apostólico da Companhia. Assim é que o acervo de pronunciamentos proferidos a determinado centro educativo norteia todo o apostolado jesuítico da educação.

238. Trata-se da plataforma criada pelo Secretariado de Educação da Companhia de Jesus para cultivar uma comunidade online vibrante que conecte os educadores das escolas jesuítas e inicianas de todo o mundo (<http://www.educatemagis.org>).

239. Arturo Sosa, *A educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus*. Op. Cit.

240. Ibid..

241. Ibid.

242. Ibid., *Carta sobre los Secretarios de Áreas Apostólicas de la Curia General*. Op. Cit.

Notamos as principais linhas orientadoras que sobressaem no conjunto de ensinamentos de Arrupe sobre educação: 1) Imprescindibilidade do apostolado em colégios; 2) Reconfiguração dos colégios como ‘Comunidade Educativa’; 3) ‘Inacianidade’ como característica a revestir todo o trabalho educativo; 4) Promoção da justiça evangélica na estrutura, no funcionamento, no clima e nas práticas pedagógicas dos centros educativos; 5) Educação inclusiva dos pobres e esforço pela sustentabilidade dos colégios; 7) Irradiação apostólica e trabalho associado com outros.

No acervo do P. Kolvenbach nota-se a ênfase nos seguintes temas: 1) Reafirmação da identidade e importância dos centros educativos; 2) Precisão conceitual sobre o serviço da fé e a promoção da justiça; 2) Insistência na educação inclusiva dos pobres; 3) Renovação dos métodos pedagógicos; 4) Colaboração com outros; 5) Análise crítica da globalização.

Por sua vez, o P. Nicolás exortava o corpo apostólico da Companhia ao discernimento corajoso sobre as fronteiras onde servir. Ajudou a clarificar a integração da dimensão religiosa no projeto educativo. Sublinhou a necessidade de se investir na profundidade contra a superficialidade, na leitura da realidade e no desempenho do trabalho apostólico. Mostrou a diversos auditórios a importância da formação para a cidadania global, que se expressa na análise crítica da cultura atual, na ‘advocacy’ em favor do direito universal a uma educação de qualidade.

O P. Arturo Sosa, além do serviço da justiça e da reconciliação, tema da 36ª Congregação Geral, tem abordado: 1) Trabalho em rede; 2) Discernimento em comum e planejamento apostólico; 3) Incidência pública e ‘advocacy’ do setor educativo; 4) Enfoque de educação intercultural; 5) Desafios para as três redes apostólicas: colégios, universidades e escolas de Fé e Alegria.

Há vários outros temas, de surgimento recente, que agora vêm sendo tratados, pelo menos com maior abrangência e profundidade, como o zelo pelo meio ambiente, a salvaguarda dos menores e vulneráveis, a cidadania global, a interculturalidade.

Os pronunciamentos estudados revelam a fidelidade à tradição da Ordem aliada à atualização ao tempo presente. Há continuidade dos principais temas como serviço da fé e justiça, opção pelos pobres, identidade inaciana, irradiação apostólica, colaboração com outros. Estes temas vão ‘crescendo’ e recebendo precisões e aprofundamentos,

à medida que se consideram o contexto mundial, os eventos e orientações da Igreja e da Companhia.

Deste modo, por exemplo, os PP. Arrupe e Kolvenbach insistiam na renovação das práticas pedagógicas, para que fossem coerentes com os objetivos educacionais jesuítas e em sintonia com o mundo cambiante. Arturo Sosa, igualmente consciente da velocidade das mudanças, urge os educadores a irem além, sem medo, com ousadia e criatividade: a redesenharem todo o modelo educativo. Para isso, há que manter o elã dos primeiros educadores jesuítas que para elaborar a *Ratio Studiorum*, relativizaram suas certezas e foram atrás de práticas pedagógicas exitosas no mundo de então.

O trabalho integrado que Arrupe profeticamente propunha, foi reafirmado pelos seus sucessores, até chegar à compreensão atual de rede, na qual os nós não coexistem de forma concomitante ou justaposta, mas se conectam, interagem, intercambiam, com resultados muitos mais satisfatórios.

Imbuídos da ‘Contemplação da Encarnação’ dos Exercícios Espirituais, os quatro Padres Gerais demonstram uma visão esperançosa deste mundo no qual nos é dado viver e atuar. Este enfoque convida os centros educativos a desapegarem de fórmulas, de tradições, da experiência adquirida e a buscarem a cada momento e em cada lugar o que mais convém para ajudar a pessoa concreta que lhes cabe educar. A imagem de ‘laboratório de inovação pedagógica’ que o P. Sosa apresentou aos Delegados de Educação, bem sugere a atitude de provisoriedade, de busca, de tentativa de acerto e erro, mas sempre com uma meta ousada a lograr.

As orientações e diretrizes pedagógicas dos Padres Gerais constituem um acervo precioso porque reafirmam a relevância da educação humanista numa conjuntura mundial onde muitos insistem no enfoque pragmático, utilitarista e instrumental. A defesa intransigente da dignidade do ser humano; a promoção incansável da fé, da justiça evangélica e da reconciliação; e a sinergia com outras forças educativas configuram uma proposta extremamente atual que deve ser compartilhada com tantos agentes educativos – individuais ou coletivos – de dentro ou de fora da Igreja, que têm a mesma ‘consanguinidade’ de princípios pedagógicos, que comungam com o mesmo ideal.

Diante de um futuro cada vez mais incerto, e de certo modo ameaçador, um mundo mais humanizado para nós e para as futuras gerações

merece uma educação que responda com competência e profundidade aos desafios da contemporaneidade. E para isso a Pedagogia Inaciana tem muito a oferecer!

Referências

- ACODESI. *El P. Peter-Hans Kolvenbach, S.J. y la Educación 1983-2007*. Bogotá, Ed. Kimpres, 2009.
- Arrupe, Pedro. *Ante un mundo en cambio*. Zaragoza, EAPSA, 1972.
- Arrupe, Pedro. *Carta a um Provincial (15/01/1978)*. In: *Um Projecto de Educação*, Porto, Livraria A.I e Braga, Editorial A.O., 1981, p.150.
- Arrupe, Pedro. *Carta aos Padres dos colégios de França reunidos em Amiens (25/08/1965)*. In: Arrupe, Pedro. *Um Projecto de Educação*, Porto, Livraria A.I e Braga, Editorial A.O., 1981, p.12.
- Arrupe, Pedro. *Carta aos Padres e Irmãos da Assistência da América (07/03/1972)*. In: *Um Projecto de Educação*, Porto, Livraria A.I e Braga, Editorial A.O., 1981, p.62 e *Palestra ao grupo directivo da Associação de Educação Secundária dos jesuítas dos Estados Unidos*, New York, 10/11/1972. In: *Um Projecto de Educação*, Op. Cit., p.84.
- Arrupe, Pedro. *Discurso à Federação dos colégios e universidades confiadas à Companhia de Jesus nos Estados Unidos (Colégio de São Pedro, Jersey City: 11/11/1972)*. In: *Um Projecto de Educação*, Porto, Livraria A.I e Braga, Editorial A.O., 1981, p.181.
- Arrupe, Pedro. *Discurso a los miembros de la Congregación de Procuradores – 05/10/1970*. In: *La identidad del jesuita*. Santander, Ed. Sal Terrae, 1981, p.185.
- Arrupe, Pedro. *Hombres y mujeres para los demás*. In: *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=3074>
- Arrupe, Pedro. *Homília no Colégio São João de Brito (Lisboa, 28/06/1980)*. In: Arrupe, Pedro. *La Iglesia de hoy y del futuro*. Bilbao, Mensajero y Santander, Sal Terrae, 1982, p. 444.
- Arrupe, Pedro. *La educación es obra de colaboración*. In: *Ante un mundo en cambio*. Zaragoza, EAPSA, 1972, p.205.
- Arrupe, Pedro. *La identidad del jesuita en nuestros tiempos*. Santander, Ed. Sal Terrae, 1981.
- Arrupe, Pedro. *La Iglesia de hoy y del futuro*. Bilbao, Mensajero – Santander, Sal Terrae, 1982.
- Arrupe, Pedro. *Nossos colégios hoje e amanhã (Roma, 13/09/1980)*, In: *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=2934>
- Arrupe, Pedro. *Palestra ao grupo directivo da Associação de Educação Secundária dos Jesuítas dos Estados Unidos. New York (10/11/1972)*. In: Arrupe, Pedro. *Um Projecto de Educação*, Porto, Livraria A.I e Braga, Editorial A.O., 1981, p.86.
- Arrupe, Pedro. *Reflexões sobre os colégios* in: *Um Projecto de Educação*, Porto, Livraria A.I e Braga, Editorial A.O., 1981, p.174.
- Arrupe, Pedro. *Sentido y misión de las universidades de la Compañía (Deusto, mayo de 1970)*. In: *Escala en España*, Madrid, Editorial Apostolado de la Prensa, 1971, p. 207.
- Arrupe, Pedro. *Um Projecto de Educação. Cartas e discursos*. Porto, Livraria A.I., Braga, Editorial A.O., 1981.
- Bastero, Juan & La Puente, Fernando. *Unidad Didáctica y Paradigma Ignaciano*. Madrid, CONEDSI, 2005. In: *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=4149>
- Klein, Luiz Fernando. *Atualidade da pedagogia jesuítica*. São Paulo, Ed. Loyola, 1997. In: *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=1580>
- Klein, Luiz Fernando (org.). *Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana*. São Paulo, Ed. Loyola, 2015.

- Kolvenbach, Peter-Hans. *A Pedagogia Inaciana Hoje (Villa Cavalletti: 29/04/1993)*. In: *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=2933>
- Kolvenbach, Peter-Hans. *A Universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano (Roma, Monte Cuco: 27/05/2001)*. In: *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/getfile.ashx?iddocumento=3040>
- Kolvenbach, Peter-Hans. *Características actuales de la educación de la Compañía de Jesús (Colegio San Ignacio, Caracas: 01/02/1998)*. In: *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=66>
- Kolvenbach, Peter-Hans. *Características de nuestra educación. A la asamblea de Enseñanza Superior de la Compañía de Jesús en los Estados Unidos (Georgetown, 07/06/1989)*. In: *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=137>
- Kolvenbach, Peter-Hans. *Discurso de apertura del congreso de estudios internacionales sobre la Pedagogia Ignaciana (Messina: 14/11/1991)*. In: *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/getfile.ashx?iddocumento=3428>
- Kolvenbach, Peter-Hans. *Eduquer des hommes et des femmes aujourd'hui dans l'esprit de Saint Ignace (Toulouse: 26/11/1996)*. In: *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana*.
- Kolvenbach, Peter-Hans. *El compromiso de la Compañía de Jesús en el sector de educación (Gdynia, Polonia: 10/10/1998)*. In: *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=67>
- Kolvenbach, Peter-Hans. *El servicio de la fe y la promoción de la justicia en la educación universitaria de la Compañía de Jesús de Estados Unidos. (Universidad de Santa Clara: 06/10/2000)*. In: *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/getfile.ashx?iddocumento=85>
- Kolvenbach, Peter-Hans. *En el segundo Centenario de la Enseñanza jesuítica en Estados Unidos de América (Georgetown, 08/06/89)*. In: ACODESI, El P. Peter-Hans Kolvenbach, S.J. y la Educación 1983-2007. Bogotá, Ed. Krimpes, 2009, p.53-65.
- Kolvenbach, Peter-Hans. *La Compañía de Jesús y la educación popular (Instituto Técnico Jesús Obrero, Caracas: 08/02/1998)*. In: *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=71>
- Kolvenbach, Peter-Hans. *La universidad jesuítica hoy. Sobre el ministerio de la enseñanza (Roma, Frascati: 05/11/1985)*. In: *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/getfile.ashx?iddocumento=132>
- Kolvenbach, Peter-Hans. *Os desafios da educação cristã às portas do 3º Milênio (Colegio San José, Arequipa, Perú: 09/07/1998)*. In: *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=72>
- Mesa, José Alberto (ed.). *La Pedagogia Ignaciana. Textos clásicos y contemporáneos sobre la educación de la Compañía de Jesús desde San Ignacio de Loyola hasta nuestros días*. Bilbao (Mensajero), Madrid (Sal Terrae-Universidad Pontificia Comillas), 2019.
- Miranda, Margarida. *Ratio Studionum da Companhia de Jesus. Regime Escolar e Plano de Estudos*. Braga, Portugal, Axioma, 2018.
- Nicolás, Adolfo. *Discurso en el 43º Congreso Internacional de la Federación Internacional Fe y Alegría, (Cochabamba, Bolivia, Noviembre de 2012)*. In: *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=118>
- Nicolás, Adolfo. *Discurso en el 150º aniversario de la educación jesuita en Filipinas (Universidad Ateneo de Manila: 13/07/2009)*. In: *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=52>
- Nicolás, Adolfo. *La educación en la Compañía de Jesús (Escuela Técnico-Profesional Fundación Revilla-Gigedo-Gijón: 08/05/2013)*. In: *Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=240>

- Nicolás, Adolfo. *Los Antiguos Alumnos de la Compañía de Jesús y su responsabilidad social. 8º Congreso Mundial de la Unión de Antiguos Alumnos de la Compañía de Jesús. Medellín, Colombia: 15/08/2013*. In: *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=359>
- Nicolás, Adolfo. *Notas de la conferencia en el encuentro con los Directivos de los colegios ACSI, OSCASI, AUSJAL, CEP y CERPE (Caracas: 01/05/2014)*. In: *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=1785>
- Nicolás, Adolfo. *Profundidad, universalidad y ministerio intelectual: Retos para la educación superior jesuita hoy. Encuentro mundial de rectores de universidades jesuitas (México: 23/04/2010)*. In: *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=114>
- Sosa, Arturo. *A educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus (Rio de Janeiro, 20/10/2017)*. In: *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=3873>
- Sosa, Arturo. *A Educação jesuíta hoje (La Paz, Colegio San Calixto: 18/07/2018)*, In: *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=4202>
- Sosa, Arturo. *A universidade fonte de vida reconciliada (Loyola: 10/07/2018)*. In: *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=4178>
- Sosa, Arturo. *Carta sobre Secretários de Áreas Apostólicas de la Curia General (Roma: 13/07/2019)*.
- Sosa, Arturo. *Discernimiento y Planificación (São Leopoldo, Brasil, UNISINOS, 27/10/17)*. In: *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=3882>
- Sosa, Arturo. *Educamos nas fronteiras. Fé e Alegria, movimento global (Madrid, El Escorial: 29/09/2018)*. In: *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=4302>

